



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS/PIC**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**TELEFONE: (89)3422-2032 PICOS - PIAUÍ**

**ALANE BATISTA DE CARVALHO SOUSA**

**A CIDADE DE SANTO ANTÔNIO DE LISBOA: DO RODEADOR AO  
DESENVOLVIMENTO URBANÍSTICO (1964-1985)**

ALANE BATISTA DE CARVALHO SOUSA

**A CIDADE DE SANTO ANTÔNIO DE LISBOA: DO RODEADOR AO  
DESENVOLVIMENTO URBANÍSTICO (1964-1985)**

Monografia submetida à Coordenação do Curso de História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros no período de 2012.2, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Ms. Mairton Celestino da Silva

FICHA CATALOGRÁFICA  
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca José Albano de Macêdo

S725c Sousa, Alane Batista de Carvalho.

A Cidade de Santo Antônio de Lisboa: do rodeador ao desenvolvimento urbanístico (1964 – 1985) / Alane Batista de Carvalho Sousa . – 2012.

CD-ROM : il. ; 4 ¾ pol. (66 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2012.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Ms. Mairton Celestino da Silva (Orientador)  
Universidade Federal do Piauí – UFPI  
Presidente da Banca

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Nilsângela Cardoso Lima  
Universidade Federal do Piauí – UFPI  
1<sup>o</sup>. Examinador

---

Prof<sup>o</sup>. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro  
Universidade Federal do Piauí – UFPI  
2<sup>o</sup>. Examinador

Aquele que irradia luz... J. CRISTO...  
Dedico e principalmente agradeço a ele, por sempre estar  
ao meu lado, me guiando e me protegendo. Dando-me  
forças nos momentos de desânimo.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer principalmente aqueles que tornaram essa vitória possível, aos meus PAIS (José Joaquim e Alzenir), obrigada por tudo, pela a confiança, pela os ensinamentos, obrigada por sempre lutarem por mim e por lutarem ao meu lado, Agradeço em especial aos meus melhores amigos meu IRMÃO (Georgy) e minhas IRMÃS (Alyne e Georgyna). Obrigada pelo o companheirismo, pela a amizade, por sempre me apoiarem, pelo os ensinamentos, pelo os puxões de orelha diante dos erros, pelos os momentos de alegria que compartilhamos. Aos meus amados sobrinhos (Guilherme e Murilo) esses presentes que Deus colocou na minha vida.

Ao longo desses quatro anos e meio tive a felicidade de conhecer grande amigos ao qual compartilhei minha vida, chegando a hora da conclusão dessa fase da minha vida e dos agradecimentos.

Primeiramente agradeço a DEUS por ter me dado à vida, saúde, capacidade e força para lutar nos momentos mais difíceis, por ter iluminado os meus passos e pela proteção e capacidade para lutar pelo os meus sonhos. Agradeço aos meus colegas de curso, especialmente a Ângela Rodrigues, Ana Laisy Pereira, Claudia Rodrigues, Priscila Keyla, Gisele Sepúlveda, Juninho Rodrigues, Tonny Cesar e Pablo Marcel, que ao longo desses quase cinco anos dividi minhas tardes e minha vida. Eles foram mais que colegas, foram amigos ao qual tive a oportunidade e a felicidade que ter ao meu lado nessa jornada tão árdua.

Agradecer as minhas amigas (os) de vida, especialmente as minhas grandes amigas Ana Paula Luz, Carla Mariana, Jéssica Moura e Zilmara Noronha que sempre estão ao meu lado, pelo o apoio, pelas as palavras, agradeço pelos os momentos de alegria que vocês me proporcionam, por sempre estarem ao meu lado nos momentos em que mais precisei. Agradeço também Jonathan Veloso pela leitura e correção final do texto.

Agradeço aos professores por todo o aprendizado, as ajudas e pelas as compreensões. E quero agradecer especialmente ao meu Orientado Mairton Celestino pela a paciência, atenção e ajuda durante esse trabalho, por dedicar parte do seu tempo a me ensinar, sempre com muita competência e paciência, sempre me motivando a persistir nesse trabalho tão árduo.

Enfim a todos que mim ajudaram nessa pesquisa, dedicando o seu tempo ao meu trabalho.

## RESUMO

Trata-se de uma análise do processo de povoamento, emancipação política e urbanização da cidade de Santo Antônio de Lisboa-PI (1964-1985). São também apresentados os principais personagens dessa luta pela emancipação, destacando o grande papel que a religião teve para a formação do povoado Rodeador. Assim sendo, elaborou-se um breve discurso teórico-metodológico acerca da história da localidade. Os conceitos de Memória e História Oral se desenrolaram, corroborando com intenção de que essa pesquisa possa vir a colaborar para um melhor conhecimento e entendimento de como ocorreu o processo de formação, emancipação e urbanização dessa localidade por meio de bibliografias adequadas ao assunto e entrevistas com os moradores dessa localidade, a fim de se conhecer a narrativa da cidade. Foi ainda realizada uma análise cronológica da história do Piauí, destacando a conexão entre sua história e a da cidade de Santo Antônio de Lisboa. Fazer com que os lisboenses tenham ciência de como surgiu e se desenvolveu a sua cidade, região tão querida por todos, é de grande importância para busca de sua identidade, além, de lhes proporcionar outra fonte de pesquisa além das já existentes.

**Palavras-Chave:** Rodeador; Santo Antônio de Lisboa(PI); Urbanização.

## **ABSTRACT**

One is about an analysis of the povoamento process, emancipation politics and urbanization of the city of Saint Antonio of Lisbon-PI (1964-1985). Also the main personages of this fight for the emancipation are presented, detaching the great paper that the religion had for the formation of the Rodeador town. Thus being, a brief speech was elaborated theoretician-metodológico concerning the History of the locality. The concepts of Memory and Verbal History if had uncurled, corroborating with intention of that this research can come to collaborate for one better knowledge and agreement of as it occurred the process of formation, emancipation and urbanization of this locality by means of adequate bibliographies to the subject and interviews with the inhabitants of this locality, in order to know the narrative of the city. Still a chronological analysis of the History of the Piauí was carried through, detaching the connection between its history and of the city of Saint Antonio of Lisbon. To make with that the lisboenses have science of as appeared and if it developed its city, region so wanted by all, is of great importance for search of its identity, beyond, of on this side providing another source to them of research of already the existing ones.

**Word-Key:** Encircling; Saint Antonio of Lisbon; Urbanization.



## **LISTA DE SIGLAS**

BEC- Batalhão de Engenharia e Construção

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

COHAB- Comunidade Habitacional

ARENA- Aliança Renovadora Nacional

MDB- Movimento Democrático Brasileiro

CNEC- Companhia Nacional das Escolas da Comunidade

UDN- União Democrática Nacional

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1.ORALIDADE E MEMÓRIA: OS CONSTRUTORES DA HISTÓRIA.....	14
1.1História Oral um método ou uma nova história?.....	14
1.2 Memórias e o Fazer Histórico.....	17
2.CONTEXTO DE FORMAÇÃO DO PIAUÍ E DA CIDADE DE SANTO ANTÔNIO DE LISBOA.....	22
2.1 Formação das primeiras vilas e cidades.....	24
2.2 Povoação e formação da Fazenda Rodeador.....	25
2.3 Origem do nome Rodeador.....	29
2.4 Formação do Povoado Santo Antônio.....	29
2.5 Surge uma cidade.....	31
2.6 Qual Nome colocar.....	35
3.CIDADE E URBANIZAÇÃO.....	36
3.1Código de Postura de Santo Antônio de Lisboa.....	40
3.2 Estrutura Pública da Cidade.....	43
3.3 Licenças e Processos para Construção.....	45
3.4 Surge a Urbe.....	46
CONCLUSÃO.....	59
REFERÊNCIAS.....	60
ANEXOS.....	62

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho almejamos um melhor entendimento e compreensão sobre a história política do Piauí, tendo como objeto de estudo, as disputas políticas em uma determinada localidade e como essas disputas influenciam na formação das cidades do Estado, neste caso, em análise, a cidade de Santo Antônio de Lisboa. Assim sendo, o presente trabalho lidará com temas raros ao saber histórico, como: as noções de história política, de cidade e como, ao mesmo tempo, estes dois termos se complementam na construção de um discurso historiográfico. Sustenta-se como ideia de que as disputas políticas locais, não apenas as de nível partidário, mas também, aquelas de origem familiar de posse da terra e de bens, que marcaram presença constante nas dinâmicas políticas que deram origem ao surgimento e emancipação política de grande parte das cidades do Sul do Piauí. Como o enfoque desse estudo encontra-se na cidade de Santo Antônio de Lisboa, utilizar-se-á, portanto, os discursos produzidos pelos sujeitos que compõem aquela sociedade e participaram do seu processo de construção.

Para melhor entendimento sobre a formação política do Piauí, é necessário, discutir o seu processo de colonização, pois, é interessante que se tenha um entendimento da origem dos primeiros núcleos urbanos no Piauí. De fato, a colonização do Piauí se deu no ano de 1674 com a chegada de Domingos Jorge Velho, que, ao chegar nessas terras envolvidas pela política de sesmarias e objetivando, principalmente o desenvolvimento da pecuária, primeira atividade econômica do Piauí, implantou várias fazendas, sendo que próximo de uma delas formou-se um pequeno povoado com o nome de Nossa Senhora da Vitória, sendo esse o primeiro núcleo populacional do Piauí. Esse povoado foi, em 1717, elevado a categoria de vila com o nome de Mocha, sendo essa a primeira vila do Piauí, formando em 1718 a Capitania do Piauí. Segundo Moraes (2008, p. 45), a formação do Piauí começa a se esboçar através das fazendas de gado e da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória.

No ano de 1761 a vila da Mocha se torna a primeira capital e cidade do Piauí com o nome de Oeiras e as demais freguesias existentes são elevadas ao grau de vila, como exemplo, podemos citar a cidade de Valença, como é conhecida hoje.

Sendo gradativamente elevadas à categoria de cidades, como uma forma de rememorar o poder da coroa, surgem os primeiros municípios do Piauí. Porém, as populações dessas vilas se mantiveram essencialmente rurais. Os fazendeiros, para garantir seu poder sobre o

povoado, doaram terrenos para construções de Igrejas como uma forma de oficializar o povoado e manter o seu domínio.

O surgimento de cidades no Piauí, não de uma forma geral, segue uma sequência: formação de fazendas e construção de uma capela com devoção por um santo, posteriormente a isso, uma a fazenda era elevada à categoria de povoado, vila e então cidade. Esse processo marcou a construção de várias cidades piauienses.

No contexto citado acima, é importante salientar, o surgimento das cidades da Capitania do Piauí que tiveram a suas origens equivalentes. Foi grande o número de cidades do Piauí que seguiram esse esquema demonstrado anteriormente, entre elas, a cidade de Santo Antônio de Lisboa.

Santo Antônio de Lisboa surgiu de uma fazenda de nome Rodeador, fazenda esta de propriedade de um fidalgo português de nome João Borges Marinho, que recebeu essas terras da coroa portuguesa como agradecimento pelos trabalhos realizados. Tendo vindo seu filho Antônio Borges Marinho tomar posse dessas terras que devido à sua grande extensão foi dividida em três fazendas<sup>1</sup>, entre elas a do Rodeador.

Os descendentes de Borges Marinho vieram cuidar das terras e juntamente com as pessoas que já viviam nessa região, iniciaram a povoação, assim como várias outras famílias que migraram para essa região, podendo citar Policarpo Rodrigues e sua esposa, além de Antônio Rodrigues da Silva e seus descendentes.

Já no ano de 1920, segundo Batista (2009), devido à extração de maniçoba se inicia um intenso aumento populacional no Rodeador. Pessoas de vários Estados como: Ceará e Pernambuco migraram para trabalhar na extração da maniçoba e, posteriormente, da carnaúba que por muitos anos foram a maior fonte de renda da população.

Ainda segundo Batista, em seu livro “História do Rodeador” a população do Rodeador era muito religiosa e sempre se reuniam na residência do senhor André Ramos para realizarem as novenas para o Santo Antônio<sup>2</sup>. Sendo a população do Rodeador muito devota ao Santo Antônio, apresenta-se a ideia de que foi devido a este fato e ao de que as novenas que ocorriam no Rodeador sempre serem para este mesmo santo, teria sido este o motivo surgimento da nomeação da localidade.

---

<sup>1</sup> As demais fazendas foram: A Fazenda Guaribas e a Fazenda Boqueirão.

<sup>2</sup> De nome Fernando de Bulhões y Taveira de Azevedo, este nasceu em Lisboa, aos 15 anos entrou para um mosteiro e mudou seu nome para Antonio, era professor de teologia e grande conhecedor da Bíblia. Faleceu no dia 13 de Junho de 1231, sendo canonizado no ano de 1232 pelo o papa Gregório IX, com o nome de Santo Antônio, o santo “milagreiro”, “casamenteiro” e “padroeiro dos pobres”, tornando-se o santo de maior devoção de todos os povos.

Mas no ano de 1937, o padre Zé Limmerny sugere a construção de uma Igreja para o santo. André Ramos então doa um terreno para a construção da Igreja, em 1940 a Igreja foi inaugurada e conseqüentemente a população que até então vivia na zona rural começou ao poucos a construir suas casas no entorno da Igreja. Esse ponto será mais detalhadamente apresentado no segundo capítulo desse trabalho.

Nesse sentido, o objeto principal deste trabalho é apresentar a história política da cidade, relatar através dos discursos dos seus moradores a história de formação da cidade de Santo Antônio de Lisboa, desde sua origem passando por sua independência e seu processo de urbanização, tendo como destaque a memória do lisboense. O estímulo da escolha por esse tema surgiu, principalmente, pela ausência de documentos escritos sobre a cidade, tendo então, que recorrer ao método da História Oral através das entrevistas semiestruturadas e pesquisa existente em bibliografias afins.

Uma questão ao qual necessita ser apresentada trata-se da imensa dificuldade em encontrar documentos nos arquivos da Prefeitura de Santo Antônio de Lisboa. As causas dessa escassez, provavelmente, seja o descaso que os líderes políticos mantêm sobre a história da cidade, ocorrendo muitas vezes à destruição desses arquivos, essa atitude dificulta a pesquisa por parte de quem se interessa pela a História dessa cidade.

É grande a carência de conhecimento da população sobre a história do município, e isso se deve em partes pela a ausência de escritos sobre tal tema, como também pelo desinteresse por partes de alguns em divulgar a História do Município, onde as bibliografias existentes se resumem a textos familiares. Somente nos últimos anos é que vem surgindo pesquisadores que possuem interesse em escrever sobre a história da cidade.

Do ponto de vista cronológico, o trabalho enfatiza os anos de 1960 até finais dos anos 1980, por se tratar do período de maior fervor político e urbanístico da cidade. Propõe-se uma discussão sobre a criação do município, e para compreender o processo de povoamento foi realizado um retorno, de forma resumida, ao processo de colonização, povoamento e posterior formação das primeiras cidades do Piauí, objetivando uma melhor compreensão do processo de povoamento, formação e, principalmente, urbanização do município de Santo Antônio de Lisboa.

Como metodologia, utilizou-se o método da história oral, por meio de entrevistas com os habitantes da cidade, que indiretamente vivenciaram tais acontecimentos. Não se tornaram possíveis as entrevistas com as personagens que diretamente construíram a história do município, pois são todos falecidos.

As pesquisas bibliográficas foram de grande relevância para esse trabalho, pois para escrever a formação da cidade de Santo Antônio de Lisboa, fez-se necessária a realização de pesquisas mais detalhadas sobre a colonização do Piauí e formação das primeiras cidades, assim como diversos temas, além da utilização de alguns poucos documentos, que serviram com uma forma de comprovação dos fatos.

Este trabalho encontra-se dividido em três partes. No primeiro capítulo é apresentada uma discussão acerca das bibliografias presentes nesse escrito, principalmente conceito de Memória e Oralidade. No segundo capítulo, encontra-se de forma detalhada a construção da cidade de Santo Antônio de Lisboa, onde são descritos seu povoamento, emancipação e uma breve discussão a respeito do Piauí colonial. No terceiro, é feito um debate político sobre as oligarquias e jogos de poder na cidade, por último, são transcritos, o desenvolvimento urbanístico do município.

Imagina-se que essa monografia seja de grande relevância para a população dessa cidade, pois esta terá a oportunidade de conhecer, falar e refletir sobre a história e o resgate de sua identidade. Mesmo existindo projetos semelhantes sobre tal tema, crê-se que esse trabalho ajudará os futuros pesquisadores que queiram trabalhar esse tema, além disso, terá um importante valor para a comunidade acadêmica e será um auxílio e incentivo à pesquisa sobre a história dessa cidade.

Enfim, é esperada uma maior compreensão da história política da cidade de Santo Antônio de Lisboa, chamando a atenção sobre sua formação e construção. Mas essencialmente que essa história seja contada pelo o seu povo, conforme viveram e conheceram sobre esse período ou esse contexto que os envolve.

## **1 ORALIDADE E MEMÓRIA: OS CONSTRUTORES DA HISTÓRIA**

### **1.1 História Oral um método ou uma nova história?**

Pesquisar sobre a história política de uma cidade é uma questão meio complexa, não apenas em se tratando de compreender sua história, mas, principalmente, na tentativa de encontrar fontes que solidifiquem os argumentos da escrita. Essa sem dúvida foi uma das grandes dificuldades encontradas durante a minha pesquisa devido à escassez de documentos, pois ao mesmo tempo em que surgiam as fontes, tive que me deparar com os empecilhos do acesso a esses documentos, tendo que recorrer à fonte oral, que me proporcionou importantes conhecimentos sobre a história da cidade de Santo Antônio de Lisboa.

A utilização da história Oral acabou por se tornar um grande aliado para a pesquisa, pois esse método me permitiu conhecer a história da cidade Santo Antônio de Lisboa através da memória e testemunho de suas melhores fontes de informação, seus moradores. É interessante conhecer a construção de sua cidade através de relatos de pessoas que viram e vivenciaram esse fato.

A história Oral desde o seu surgimento pelas as ciências sociais sempre esteve envolvida com grandes questionamentos, seria a história oral outra história como afirma os historiadores Annales, ou seria apenas um novo método de pesquisa? Isso ainda caberá discursos. O que objetivo nesse capítulo é tentar compreender como a oralidade através da memória dos habitantes dessa cidade pode contribuir para a História e para essa pesquisa histórica, como também responder a dúvida sobre o que de fato é a historia oral?

A História Oral surgiu a partir da Antropologia e da Sociologia que a utilizavam em sua pesquisa devida muitas vezes a falta de arquivos sobre determinado tema tratado, a História passou a utilizá-la a partir do momento em que a oralidade permitiu que o pesquisador/historiador tivesse um conhecimento novo e principalmente fontes novas e importantes para seu trabalho. De fato, a história Oral permite uma nova abordagem na pesquisa histórica, pois ela dá voz aos dominados, aos esquecidos pela história, ou seja, a aqueles que tiveram seus relatos de vida ocultados pelos documentos.

Como afirma Ettiene Francois:

A historia oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários e marginais), a história do cotidiano e da vida privada, a história local, em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferências a uma história vista de baixo. (p.04, 2006).

A utilização da História Oral como fonte de pesquisa resultou em uma grande discussão entre os pesquisadores. Nesse debate, os Annales afirmavam que tratava-se de outra história, como citado anteriormente no texto. Assim partia-se de dois princípios. Primeiramente que a história oral, através de seus objetos, daria preferência à história dos excluídos, dos esquecidos. A segunda explicação, por sua vez, afirmava que a oralidade baseava-se na história vista de baixo, pois como já citado a oralidade dará voz aos esquecidos pela a história, defendendo uma história diferente, que rompe com os princípios acadêmicos seguidos até então.

Essa ideia em certo ponto é bem colocada porque de fato a oralidade permite a utilização das memórias dos esquecidos, dando voz àqueles que foram silenciados, a exemplo podemos citar a voz dos habitantes de uma cidade que vivenciaram grandes acontecimentos, mas que não tiveram oportunidade para relatá-los. Entretanto, isso não justifica caracterizar a história oral como outra história ou uma história diferente, ela apenas abre as portas para novas fontes e novas abordagens de pesquisa, ou seja, proporciona uma nova maneira de pesquisar determinado tema.

Para muitos historiadores, a história oral é somente uma nova técnica de pesquisa do século XX, uma metodologia. Essa ideia de imaginar a história oral como típica do século XX, desvaloriza estudiosos do século XIX que utilizava metodologias bem próximas daquilo que definiríamos como história oral. Sem dúvida os historiadores/pesquisadores do século XIX se baseavam nos documentos escritos, mas existiam pesquisadores que já utilizavam a oralidade em suas pesquisas como forma de aprimorar seu trabalho. Em certa questão a história oral situa-se em uma mediação entre essas duas discussões, pois ao mesmo tempo em que aparece como uma metodologia ela também se destaca por dar espaço aos esquecidos. Então, a meu ver não podemos fazer tamanha distinção entre a história oral, ela é resultado da junção desses dois pensamentos e de outros aspectos, pois consistem em uma metodologia que valoriza os sujeitos não valorizados, os excluídos da história. Como também abre espaço para que ocorra uma aproximação com os sujeitos sociais que vivenciaram um determinado fato.

A História Oral distingue dos demais métodos de história devido a sua ênfase na subjetividade, ao dar voz a testemunhos que através de sua experiência de vida ajudam a construir uma nova visão sobre um determinado acontecimento, a subjetividade da história oral bate de frente com a objetividade até então presente nas pesquisas históricas, já que esta se prende a documentos, que podem e fazem em alguns casos omitir a realidade dos fatos.



Nos seus primeiros anos de uso na história a oralidade não era vista com bons olhos, pois muitos pesquisadores adeptos da história clássica (documentos escritos) típicos do Positivismo acreditavam que a oralidade tratava-se de um método de segunda classe, mas hoje ela já conseguiu seu espaço na disciplina de história, especialmente entre os adeptos dessa metodologia por acreditar que a história oral constitui uma nova forma de fazer história, ou seja, uma maneira de fazer conhecimento histórico, dando voz aos “esquecidos”.

Na atualidade, a história oral já possui seu espaço na pesquisa sendo não apenas uma maneira de colher informações sobre determinado tema, mas consistindo em uma nova forma de conhecimento histórico, como já citado, apesar de ser ainda vista como de segunda classe, como descreve Jorge Eduardo Lozano.

Apesar dos entusiasmos que ainda possa suscitar como método historiográfico, a história oral conserva uma espécie de rótulo de segunda classe, sendo menosprezada pelos seguidores de uma tradição um tanto clássica. (p. 18, 2006).

Esse método passou a fazer parte das pesquisas históricas, tornado-se quase que essencial para os trabalhos, apesar de ainda sofrer críticas por parte de alguns teóricos que a descreve como parcial, a oralidade para esses tem que ainda provar sua eficiência. A história oral se classifica em dois estilos: A faceta técnica, e a faceta metódica, sendo subdivididas em dois estilos, a técnica, em estilo arquivista-documental, onde o pesquisador cria e armazena os documentos originados de entrevistas, os transcrevendo para serem futuramente utilizados por outros pesquisadores e o estilo difusor populista, pela qual a história oral surge como uma alternativa, para dar voz aqueles que não tiveram espaço para relatar suas histórias que não foram divulgadas na História Nacional, local, etc.

A faceta metódica dividi-se em estilo reducionista, que apresenta a história Oral como um instrumento de apoio e o estilo analista em que a história oral é tratada no seu todo e não apenas como apoio, tendo essa grande valor na pesquisa. Essa pesquisa a qual venho realizando a coloco como uma junção de estilos, pois utilizo a história oral, no sentido de difusor populacional, onde apresento a testemunha não apenas como apoio, mas como principal chave na história da cidade, com uma importante valorização dos depoimentos para a pesquisa, característica do estilo analista.

Sem dúvida alguma, a história oral consiste em uma das melhores formas de preenchimento das lacunas existentes na História, pois possibilita que tenhamos um

conhecimento detalhado de determinado tema, a partir do momento que através das entrevistas exploramos um assunto e seus testemunhos, que por meio de seus depoimentos completam as lacunas presentes na história.

## **1.2 Memórias e o Fazer Histórico**

Trabalhar com a História Oral, como já discutido, potencializa o nosso conhecimento sobre as ações humanas a partir das vivências dos testemunhos/sujeitos históricos, tendo como ponte para este conhecimento vivido as memórias desses sujeitos. Dessa maneira, a memória torna-se uma ferramenta para a construção histórica.

O historiador que utiliza a metodologia da história oral em suas pesquisas, portanto, toma a memória como uma maneira de preencher as lacunas deixadas pelos documentos escritos. Memória se destaca como uma lembrança ou acontecimento típico de cada pessoa, seja de um acontecimento vivido individualmente ou vivido em grupo, em suma consiste de suas lembranças. Logo ao entrevistar alguém sobre um determinado acontecimento estou me deparando com sua memória individual e não apenas com sua memória coletiva, creio que não existe uma distinção em individual e coletiva, o que existe em um depoimento, por exemplo, é uma participação de cada.

Michael Pollak descreve a memória como formada por acontecimentos, pessoas e lugares, onde esses acontecimentos consistem nos vividos pessoalmente e os vividos em grupos chamados de “vividos por tabela”. A memória dos moradores de Santo Antônio de Lisboa resume essa descrição, já que ao mesmo tempo em que os entrevistados relatam seus testemunhos individuais também descrevem suas memórias vividas em grupo, a exemplo pode ser citado suas lembranças sobre o dia de emancipação do povoado.

Em se tratando de pessoas durante um depoimento as testemunhas sempre citam personagens relevantes para os acontecimentos pesquisados, continuarei utilizando o exemplo da cidade de Santo Antônio de Lisboa, onde existem personagens que diretamente agiram no processo de emancipação, como exemplo, Issac Batista, que foi citado durante as entrevistas, essa personagem está marcado na memória dos moradores dessa cidade. Além desses dois construtores da memória ainda existe um terceiro que são os lugares, sempre durante uma entrevista a testemunha cita um lugar que para ela faz lembrar o dia de certo acontecimento, em um das entrevistas que realizei o local sempre lembrado foi o lugar de festa da emancipação, como uma espécie de associação do lugar ao acontecimento.

Maurice Halbwachs caracteriza a memória com algo essencialmente seletivo, pois nem tudo que vivemos fica gravado, ao relatarmos um fato selecionamos o que queremos

falar e o que desejamos que os outros saibam e essa seleção dos fatos da memória está ligada a ideia de identidade, que consiste na ideia que fazemos sobre nós, para nós e que queremos passar para os outros, para isso fazemos esse seleção na memória.

Esse é um ponto crítico no fazer histórico, durante o recolhimento de entrevistas, provavelmente a testemunha seleciona o que pretende apresentar, o que em certo ponto pode ocasionar no ocultamento da verdade de um fato, esse seja talvez uma dos grandes empecilhos da utilização da memória como fonte, ao mesmo momento que é seletiva, a memória também é construída. A memória das testemunhas de um acontecimento por ser uma memória individual é considerada como uma memória subterrânea, por se tratar de uma memória dos excluídos, dos silenciados, que não condiz com a memória nacional, considerada por muitos acadêmicos como a memória apropriada.

Michael Pollak destaca que a memória subterrânea, maneira com ele chama a memória individual pode destruir a memória coletiva e iniciar assim um conflito de memória. Essa disputa pode ocasionar um conflito, mas creio que esse não seja de grande proporção, pois é muito difícil um depoimento de uma testemunha conseguir derrubar um conhecimento já instalado de um fato, ou seja, uma memória nacional.

Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados, a memória entra em disputa. (POLLACK, 1989)

Durante as entrevistas feitas com os habitantes da cidade de Santo Antônio de Lisboa percebi que as memórias coletivas tendem a selecionar o sujeito Issac Batista como o grande mentor e responsável pela a emancipação do povoado. De fato, Batista teve papel relevante para tal acontecimento, no entanto, não foi o único, como também afirmam que ele apenas objetivava promover o desenvolvimento do povoado, ao tempo em que angariava vantagens próprias. Essas questões podem ocasionar uma discussão, entretanto, dificilmente mudará o pensamento que os moradores possuem sobre Isaac Batista.

Por certo, a memória individual propicia ao pesquisador manter contato com fatos/acontecimentos silenciados. Dessa maneira, o que se percebeu no decorrer das entrevistas foi certa omissão ou desinteresse por parte dos entrevistados em narrar/contar determinados aspectos da história da cidade.

Creio que a memória individual através da oralidade seja uma das formas mais consistente do fazer histórico, já que basear-se apenas em documentos não consiste em uma

maneira confiável, pois os documentos são construídos conforme seus escritores querem demonstrar os fatos. Trabalhar com a memória consiste em abrir espaço para as pessoas que tiveram seus traumas e suas lembranças ocultadas pelos documentos, é dar ouvidos aos relatos daqueles que transmitiram suas vivências para outras gerações apenas oralmente e assim através da oralidade expandir essas lembranças às demais pessoas. Pois, muita das testemunhas de um fato sempre tem o que contar sobre um acontecimento, mas acabam por serem silenciadas e esse silêncio resulta no esquecimento. Mas sempre lembrando que deve ser respeitado o que a testemunha quer que seja esquecido, seja um trauma ou um momento da história de sua vida que o constranja ou que cause algum problema.

A memória possui uma importância para a escrita da História, pois permite uma nova visão de uma questão, mas devemos lembrar que a utilização da memória não é algo completamente confiável, já que os testemunhos irão construir uma história que os favoreça ou que os omitam de algum acontecimento que possa prejudicá-lo, por isso que se utiliza o termo de “construção da memória”, porque nossas lembranças passam por um processo de construção do que lembrar e do que merece ser esquecido.

O uso da memória de um morador de Santo Antônio de Lisboa é um interessante meio de colher informações sobre a História Política da cidade, mas não podemos deixar de ressaltar a ameaça em utilizar esse método, pois muitas das questões citadas durante a entrevista pode influenciar na construção da história que está sendo feita, por isso acredito que não devemos confiar plenamente no entrevistado, o que devemos fazer é colher a maior quantidade possível de testemunhos para assim comparar os relatos e apontarmos quais deles se reafirmam, assim estaremos mais propícios a fazermos uma história mais próxima da realidade dos acontecimentos.

Pollak caracteriza a memória como individual, típico de cada pessoa e por muitas vezes imutável, Maurice Halbwachs, nos seus discursos sobre memória nos anos 20-30, a descrevia também como algo coletivo e flutuante.

Segundo POLLAK:

A memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, pág. 02)

Maurice Halbwachs parte da ideia de que a memória individual existe a partir de uma memória coletiva, pois as lembranças são constituídas não somente individualmente, mas também em meio ao grupo. E por estar presente em um meio coletivo ela pode sofrer mudanças, influências, por isso ele a descreve como algo mutável, já que podemos reformular nossas lembranças a partir da influência das lembranças de outros. Essa ideia está muito presente em nosso dia-dia, pois por diversas vezes relatamos fatos que ocorreram em anos passados, mas de tanto ouvirmos nossos pais relatarem tais fatos, acabamos por nos incluir nesse período. Segundo HALBWACHS (2004):

Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível (HALBWACHS, 2004: p.41).

Essa é justamente a questão a ser discutida, em uma pesquisa que se utiliza da memória, pois, sendo a memória resultante dessa coletividade e assim sofrer influência dela, até que ponto se pode considerar tais fatos relatados verdadeiros? Pois, viver em sociedade é nunca estar só, logo, essa relação social e principalmente essas lembranças sócias irão manter algum tipo de influência sobre o fato narrado.

A memória consiste em uma junção de ambas as determinações, pois ao mesmo tempo em que é um fator individual, resultado da lembrança pessoal de um determinado tempo ou acontecimento, é também a memória demarcada pela a coletividade. A memória nunca é absolutamente individual, pois nossas lembranças são reconstruídas socialmente, tendo ela a necessidade de outra pessoa para existir, por isso é coletiva.

Halbwachs descreve outro tipo de memória a histórica, apresentando uma relação entre essa e a memória coletiva, para melhor explicação Halbwachs determina a existência de uma memória interior e memória exterior, ou memória pessoal e memória social, ou ainda memória autobiográfica e memória histórica, ele afirma que cada uma dessas memórias se auxiliam, pois a história individual de todas as pessoas depende de uma história geral. À separação entre memória coletiva e memória histórica parte da ideia de que a primeira é múltipla, pois está relacionada à memória de um grupo, enquanto que a memória histórica é única, pois existe apenas uma história.

Utilizar-se da História Oral através da memória de uma testemunha é está diante de incertezas, pois ao mesmo tempo em que esse método ajuda compreendermos os fatos, ele também nos intriga por acreditar na ideia de que será que o que a testemunha descreve é de

fato verídico ou é apenas o sua visão sobre o acontecido. Esses fatos ainda caberão discursos, quem sabe em outro trabalho, nesse só nos objetiva saber a importância que esse método possui para a História, principalmente para o fazer histórico.

## 2 CONTEXTO DE FORMAÇÃO DO PIAUÍ E DA CIDADE DE SANTO ANTÔNIO DE LISBOA

A cidade de Santo Antônio de Lisboa com uma área de 387,401Km<sup>2</sup><sup>3</sup> está localizada na microrregião de Pio IX, próximo ao município de Picos, a 353 km de Teresina. Com uma população de 6.008, a mesma surgiu de uma Fazenda de nome Rodeador<sup>4</sup>. Para uma melhor compreensão sobre o nosso objeto de estudo faz-se necessário retornarmos ao processo de colonização do Piauí e formação das primeiras cidades para um entendimento mais concretizado sobre a história da cidade de Santo Antônio de Lisboa, que se enquadra no processo de colonização ao qual o Piauí foi sujeito nos seus primeiros anos.



**Figura 1: Localização de Santo Antônio de Lisboa no mapa.**  
**Fonte: [www.Wikipédia.org](http://www.Wikipédia.org)**

A ocupação do Piauí iniciou-se através da concessão de sesmarias. A colonização começou ainda no século XVII e intensificou-se no século XVIII. A doação de sesmarias

<sup>3</sup> Dado do IBGE, 2010.

<sup>4</sup> Esse nome Rodeador originou-se devido a tropas militares, que ao passar pela a região comentavam a grande volta que tinha que realizar para atravessar o rio Riachão, então dizia que tinha que “Arrodear” o rio daí surgiu o nome que depois de mudança na pronuncia local passou a ser chamada de Rodeador, assim ficou conhecida a região. (Batista, 2009).

resultou em uma grande formação de latifúndios, deixando sem terras posseiros e rendeiros, ocasionando muitos conflitos entre sesmeiros e posseiros. O critério para o recebimento de sesmaria era a posição social e o poder político dos fazendeiros que possuíam boa relação com o governo.

O Piauí, assim como a maioria dos Estados do Brasil é resultado do projeto de colonização realizado pela a Coroa portuguesa, que se solidificou no século XVI a partir de ocupação e valorização das terras da então colônia Brasil.

Como afirma Moraes:

O projeto português de colonização do Brasil possibilitou o domínio da Coroa Portuguesa na América, viabilizando economicamente o território brasileiro. Este se concretizou no século XVI, através do processo de ocupação e valorização das terras americanas. (Moraes, 2008, p.28)

Ainda segundo Moraes (2008), a colonização iniciou-se seguindo esse projeto de expansão ao qual passava a colônia, onde seu povoamento resultou pela a ocupação e devassamento do sertão, além da disputa entre posseiros e sesmeiros pelo poder de terras e principalmente pela implantação de fazendas para a atividade da pecuária, que foi a principal atividade econômica do Piauí e principal impulsionador do povoamento dessa região.

A ocupação do Piauí foi resultado da expansão da pecuária. O gado *vacum* servia como transporte nos engenhos e se desenvolveu juntamente com ele<sup>5</sup>. Com o passar dos anos o desenvolvimento da pecuária, se separou dos engenhos dando origem as fazendas onde se formaram em grandes lotes de terras para o desenvolvimento da pecuária, esses grandes lotes de terras irão ocasionar imensos latifúndios, onde a personagem do fazendeiro foi marcada por autoritarismo.

O Piauí se encontra nesse processo de formação de fazendas, onde esta foi de fundamental importância para o seu desenvolvimento econômico, social e político. No século XVII e XVIII a pecuária ganha espaço no sertão nordestino iniciando assim a necessidade de mais currais para a criação desse gado, sendo que na segunda metade do século XVII o povoamento do Piauí estava em desenvolvimento e isso se deve a expedições capitaneadas por Domingo Afonso Mafrense que juntamente com a Casa D'Ávila chegaram a essa região,

---

<sup>5</sup> A pecuária teria sido resultado da alta rentabilidade do negócio que o açúcar havia gerado, acredita que a produção do açúcar, necessitando do gado, seja como meio de transporte, seja ainda como fonte alimentícia, teria numa primeira fase a criação do boi com a plantação da cana de- açúcar. (MOTT, 1985 IN MORAIS, 2008).



porém existe uma discussão em torno de quem seriam os responsáveis pela a colonização e povoamento da então região que futuramente se tornaria o Piauí.

Alguns historiadores, como Odilon Nunes afirma que o responsável pela a colonização foi Domingo Jorge Velho<sup>6</sup>, mas contraposta a ideia de Nunes existe a de Barbosa Lima Sobrinho<sup>7</sup> que afirma que Domingo Afonso Mafrense foi o colonizador dessas regiões, essa é uma dúvida que perdura na História do Piauí, mas que não vem ao caso nesse capítulo.

O que nos interessa é discutirmos a ligação entre a formação das fazendas e surgimento das cidades no Piauí. Já no ano de 1697 o Piauí possuía 129 fazendas, sendo que essas fazendas foram de relevante importância para a formação das primeiras vilas e cidades. Com a chegada de Jorge Mafrense a essa região o mesmo se responsabilizara por apossar-se dessas terras e para isso formará a Fazenda de nome Cabrobó, fazenda essa que daria origem ao primeiro núcleo populacional do Piauí através da criação de uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Vitória.

Através da Carta Régia de 30 de junho de 1712, que, posteriormente, elevaria á condição de freguesia e vila com o nome de Mocha. Em 1761, a vila foi elevada á categoria de cidade com o nome de Oeiras.

## **2.1 Formações das primeiras vilas e cidades**

No século XVIII a coroa portuguesa cria uma política de reestruturação do Estado português no Brasil, para isso foram criados novos órgãos fiscais e capitanias, essa política visava tornar mais eficiente à administração portuguesa na colônia e principalmente no meio norte do Brasil. Visando isso em 1718 a região do Piauí torna-se capitania como nome de Capitania de São José do Piauí.No entanto somente em 1758 é que sua instauração acontece, tendo como primeiro governador JoãoPereira Caldas.

Segundo Santana (1995):

O primeiro governador da Capitania, João Pereira Caldas, recebeu determinação de Portugal para estabelecer a ordem (justiça), proceder à coleta de dinheiro (fazenda) e desenvolver militares e a doutrinação dos seus habitantes no evangelho cristão. (SANTANA, 1995. P 89).

---

<sup>6</sup> Essa ideia de Odilon parte de um documento de sesmaria 1705 pertencente à esposa de Jorge Velho, onde este constava de um pedido de um requerimento de sesmaria na região do Piauí deixada por Jorge. (SANTOS G, KRUEL K, 2009 p. 17)

<sup>7</sup> Sua ideia baseava-se no mesmo documento que Odilon utilizava, mas segundo Sobrinho, as terras as quais a esposa de Jorge Velho queria estava na região de Alagoas e não no Piauí.(SANTOS G, KRUEL K, 2009)

Objetivando a essa nova política o Rei ordenou a formação de uma vila-sede do governo na Vila da Mocha e a elevação à vila das seis freguesias existente no Piauí<sup>8</sup>, mesmo com a formação de vilas, as fazendas ainda continuavam a serem os locais mais habitados pela população que vivia na Capitania: “a fazenda continuou a ser por muito tempo o grande disseminador da vida pelos sertões piauienses” (Santana, 1995), pois a população vivia exclusivamente de atividades agrícolas e da pecuária. Os próprios fazendeiros não interessavam em incentivar a mudança dos seus trabalhadores. As vilas foram criadas para concentrar o poder administrativo da Capitania, porém não possuía estrutura para isso, sendo que as vilas e cidades recém-formadas somente possuíam poucas casas. Conforme Luiz Mott:

Coisa pior era de se esperar das vilas restantes. Parnaguá com apenas 29 fogos e 191 almas, não possuía sequer uma oficina pública; Jerumenha, situada a 30 léguas da sede da Capitania... Apesar de ser vila há onze anos, não possuía na sua sede cinco senão cinco residências (MOTT, 1985, 48).

Assim, as primeiras vilas e cidades do Piauí surgiram em torno de fazendas. A primeira estrutura político-administrativa no Piauí foi, portanto as freguesias, onde para usufruir desse *status* administrativo teriam que possuir uma Igreja. No ambiente das fazendas, a coisa não era diferente. O fazendeiro doava um pedaço de terra para construir a Igreja e em torno dessa crescia a vila, foi dessa forma que surgiu a maioria das cidades do Piauí, inclusive Santo Antônio de Lisboa.

No Piauí, a maioria das cidades surgiria de fazendas que se desenvolveram e criaram núcleos urbanos em suas proximidades e através da construção de capelas. A cidade de Santo Antônio de Lisboa tem a sua história vinculada a essa trajetórias.

## **2.2 Povoação e formação da Fazenda Rodeador**

A formação da cidade de Santo Antônio de Lisboa se enquadrar, muito bem na questão discutida acima sobre as formações das cidades do Piauí. Existem três prováveis hipóteses sobre a povoação da região do Rodeador ocorrida ainda no século XVIII.

A primeira hipótese afirma que o povoamento do Rodeador iniciou-se no século XVIII devido à chegada na região do Boqueirão hoje município de Bocaina, de um filho de um

---

<sup>8</sup> São João da Parnaíba (hoje cidade de Parnaíba); Parnaguá, Jerumenha; Marvão, Valença, Santo Antonio de Campo Maior. (SANTANA, p 89)

fidalgo português de nome Cel. João Borges Marinho Brito que enviou a essa região seu filho Antônio Borges Marinho para apossar-se de terras que teriam sido doadas pela Coroa Portuguesa por meio de sesmarias, como forma de gratidão aos serviços feitos pelo Coronel à coroa. Segundo o autor do livro “História do Rodeador” (Batista, 2009) Antônio Borges Marinho chegou a essa região acompanhado de sua esposa Rosa, mais irmãos e escravos, tendo ordenado que esses fizessem o reconhecimento da região e após o feito e tendo ciência da riqueza e extensão dessa região ordenou que a dividisse em três áreas.

Como afirma Batista:

Após chegar com a sua mulher, ordenou que alguns servos de sua confiança fizessem o reconhecimento do local e quando teve certeza de que aquela terra era propícia para a pecuária, já que existia ali água em abundância<sup>9</sup>, dividiu as terras em três fazendas, denominadas Guaribas, Bocaina e Arrodeador (Batista, pag. 14).

Durante a minha pesquisa deparei-me com um documento<sup>10</sup> que descreve a Fazenda Rodeador como possuidora de vários proprietários de terras, pois muitos fazendeiros arrendavam suas terras para os moradores que se interessassem em utilizá-las. Segundo esse documento datado de 25 de outubro de 1855, a então Fazenda Rodeador tinha sua extensão dividida em pequenas propriedades tendo como um dos seus proprietários o senhor Antônio João da Rocha Soares, que esta teria sido herança de seu pai José Soares da Rocha tendo o valor de vinte e cinco mil réis. Ainda nesse documento são descritos os demais proprietários de terras na Fazenda.

O Cel. João Borges Marinho provavelmente não se interessava em manter sua posse por muito tempo das sesmarias que recebia, isso é o que aparenta acontecer. Sua lógica baseava-se no arrendamento, bem como na venda de suas terras, como pode ser observado no trecho acima. Pois, conforme dados contidos nesse documento, a então Fazenda do Rodeador foi dividida em lotes de terras e logo em seguida vendida. Então, me deparei com um questionamento: por que o Coronel se interessava em vender sua propriedade, se o grande desejo dos sesmeiros era de formar grandes latifúndios? Esta é uma dúvida difícil de rebater, pois até esse momento não possuo conhecimento de nenhum arquivo que responda esta questão.

---

<sup>9</sup> A grande abundância de água presente nessa região era resultante da presença do rio Riachão, rio este que cortada a região e era de grande importância para o desenvolvimento da região, mas hoje está praticamente inexistente resultado da degradação sofrida pela ambição do homem.

<sup>10</sup> Esse documento consta nos arquivos do Arquivo Público do Piauí

**Documento que descreve a posse de terras do Rodeador**

n°	26	Local / Data:	Freguesia de Nossa Senhora dos Remédios da povoação dos Picos, Susuapara 25 de outubro de 1855.
Nome do proprietário:			Antônio João da Rocha Soares
Nome da Propriedade:			Não tem denominação particular, pois possuía em comum.
Fazenda em que de encontra:			Fazenda Radiador
Como foi adquirida:			Herança de seu finado pai José Soares da Rocha
Limites:			Não são conhecidos os seus limites
Valor da posse:			Vinte e cinco mil réis
Obs.:			
n°	50	Local / Data:	Freguesia de Nossa Senhora dos Remédios da povoação dos Picos município de Oeiras, Picos, 28 de outubro, avaliado em 31 de outubro de 1855.
Nome do proprietário:			Victor de Barros Cavalcante conjunto de seus filhos Vidalina, Idalina, Marta, Raimundo, Luciano, José.
Nome da Propriedade:			
Fazenda em que de encontra:			Fazenda Rodiador
Como foi adquirida:			
Limites:			
Valor da posse:			Quarenta mil reis
n°	61	Local /	Freguesia de Nossa Senhora dos Remédios da povoação dos Picos município de Oeiras, Picos, 02 de novembro, avaliado

	Data:	em 03 de novembro de 1855.
Nome do proprietário:	José da Rocha Soares	
Nome da Propriedade:		
Fazenda em que de encontra:	Fazenda Rodiador	
Como foi adquirida:		
Limites:	Iguais, pois a posse é:	
Valor da posse:		
Obs:	Em comum com outros donos	

O outro argumento sobre a ocupação do Rodeador, afirma que no ano de 1818 chegou à região do Jenipapeiro<sup>11</sup> dois casais, sendo eles, Antônio Rodrigues da Silva e sua esposa Isabel, e Policarpo Rodrigues Chaves e sua esposa Rosa Maria Rodrigues, além de familiares de Rosa Maria, como sua mãe Maria Vitória e seu irmão Salvador Rodrigues. Estando com eles um grupo de escravos, teriam vindo provenientes da Bahia, as causas de suas vindas ainda são incertas, o que se sabe é que eles saíram da Bahia por motivos de desentendimentos familiares.

Alguns dos filhos desses casais vieram residir no Rodeador, tendo aí constituído família com os habitantes dessa região, provavelmente descendentes da família Borges Marinho, dando início ao povoamento e formação das primeiras famílias dessa região. Essas famílias deram origem aos primeiros núcleos populacionais do Rodeador, a exemplo Serafim Rodrigues que deu origem à família Batista de Carvalho, através de seu filho João Batista, além de Mariano Rodrigues da Silva, este era proprietário de terras na fazenda Rodeador<sup>12</sup>. que deu formação à família Mariano. Dos filhos de Policarpo nasceram as famílias Lura e Lino Rodrigues.

<sup>11</sup> A região do Jenipapeiro corresponde hoje à cidade de Francisco Santos.

<sup>12</sup> Informação contida no documento nº 134 do Arquivo Público do Piauí

A última explicação para o povoamento surgiu a partir da chegada nessa região de uma leva de migrantes provenientes de várias regiões do Nordeste, principalmente do Ceará, Pernambuco e Bahia, que fugiam da grande seca<sup>13</sup> que nos anos de 1877/1879 assolava o Nordeste e estes iam de passagem para o Maranhão. Esses migrantes viram nessa região um local que favorecia a sua sobrevivência, por causa da grande abundância de água devido ao rio Riachão, que proporcionava um desenvolvimento da pecuária e agricultura, assim acabaram por instalarem-se nessa região.

### **2.3 Origem do nome Rodeador**

No ano de 1820, um grupo de militares vindos do Ceará e Pernambuco, que lutavam contra a coroa Portuguesa pela independência do Brasil, usava a estrada, à margem do rio Riachão, como caminho para se chegar ao Maranhão, já que essa era a estrada que ligava a localidade ao restante do país<sup>14</sup>. Devido à grande volta que tinham que realizar para atravessar o rio, eles chamaram essa região de “Arrodeador” que passou a ser chamada pelos moradores de Rodeador e assim ficou conhecido, nome esse que perdurou até a formação do povoado. Alguns desses militares deixaram suas tropas e fixaram-se nessa região à procura de melhores condições de vida, pois o rio Riachão apresentava boa qualidade para a lavoura e a pecuária, logo estes se juntaram aos habitantes presentes nessa localidade e promoveram o povoamento.

Como afirma o entrevistado Olimpio Licínio:

Por que Rodeador? No tempo da Batalha do Jenipapo, naquele tempo não tinha estrada, como existem hoje, a viagem era feita seguindo o percurso dos rios, como essa região era rodeada por um rio, passou a ser chamada de Rodeador.

### **2.4 Formação do Povoado Santo Antônio**

O povoamento ocorreu de forma intensa entre os anos de 1903 a 1920 e isso se deve inicialmente à extração da maniçoba. O ciclo da borracha e da carnaúba tornou-se ao longo do

---

<sup>13</sup> Os estudos sobre essa seca a descreve como uma catástrofe de grande proporção, realmente mensurada na perda de milhares de vidas humanas, além de um fenômeno de implicações sócio-econômico e políticos (BALDOINO, 1991, pag 35-36)

<sup>14</sup> Informação presente no livro História do Rodeador de Nilvon Batista.

século o XX a principal atividade econômica da Fazenda Rodeador, esse fator econômico ocasionou um grande aumento populacional da região, pois migraram pessoas de vários Estados do Nordeste a procura de melhores condições de vida. Assim, essas duas atividades foram as maiores impulsionadoras do aumento da população da Fazenda Rodeador, como afirma o pesquisador Batista, ao dizer que “esses dois ciclos foram os grandes impulsionadores do aumento populacional do nosso Rodeador”.(2009,P.23)

Nas primeiras décadas de povoamento a população do Rodeador era essencialmente rural, onde plantavam para seu auto-sustento e o que sobrava era vendido para conseguir dinheiro visando comprar os outros bens do qual necessitavam, assim como para guardar para uma eventual necessidade.

Os primeiros habitantes do Rodeador eram pessoas muito religiosas e sempre se reuniam em família na casa de amigos para realizar orações aos seus santos, principalmente ao Santo Antônio, do qual muitos eram devotos. Existiam na região pequenas capelas particulares onde eram realizadas as missas, entre uma delas existia a de João Antônio, situada na região dos Banguês construída em 1914.

No ano de 1937, o Rodeador recebe a visita do padre José Limerny, conhecido com Zé Alemão, o mesmo sugeriu a construção de uma capela próxima à casa de André Ramos. André Rodrigues, mas conhecido como André Ramos, foi o grande impulsionador para a construção dessa capela. Homem muito religioso e que sempre realizava orações em sua residência, sendo, portanto, a sua casa um local bastante freqüentado por famílias da região. Por ser um possuidor de terras nessa região, doou um dos seus terrenos para a construção da capela, em 1938. Ao iniciar a construção da capela, a mesma foi erigida próxima à residência do senhor André Ramos, ocorrendo no ano de 1940 a sua inauguração. A inauguração da igreja potencializaria também a construção de pequenas residências nas suas proximidades, promovendo o surgimento das primeiras residências na localidade.

Durante o primeiro ano a região do Rodeador era formada apenas por uma grande porção de areia branca que circundava a igreja e as poucas casas existentes. Por causa da construção da igreja e da grande presença de pessoas que frequentavam esse novo espaço, agora que a população se encontrava concentrada surge à necessidade de um local para comercialização, assim começam a surgir às bodegas (forma como era chamado o comércio), que foram surgindo de forma lenta pelo fato de cada pessoa construir seu próprio estabelecimento.

Assim, iniciou o processo de comercialização na cidade, fato que antes não era realizado no povoado, pois seus produtos eram comprados na feira livre de Picos. Para tal foi

construído um mercado público para a venda de utensílios, o mercado foi edificado em um terreno pertencente a André Ramos e também por ele doado. A princípio a feira era bem modesta ocorrendo dentro do mercado público, sendo vendidas apenas carne, farinha e rapadura, não existia um comércio desenvolvido, mas isso vai mudar a partir da venda de produtos produzidos nas suas roças, como são chamadas as propriedades particulares nessa localidade. O desenvolvimento do comércio será um dos fatores favoráveis para o processo de emancipação do povoado.

No ano de 1940 o Rodeador passa à categoria de povoado com o nome de Santo Antônio. Nome escolhido em homenagem ao santo devocional da região e pertencentes à cidade de Picos. Picos era o grande polo dessa microrregião tendo vários povoados sobre sua jurisdição, ela era a grande responsável pelo o abastecimento desses pequenos povoados.

Cada povoado possuía um representante na câmara municipal de Picos, o representante do Povoado Santo Antônio era o senhor Justino Batista, esse era a voz do povoado em Picos. Surge assim em 1940 o povoado Santo Antônio que deu origem a cidade de Santo Antônio de Lisboa.

## **2.5 Surge uma Cidade**

O povoado devido às atividades econômicas realizadas, tendo grande destaque a agricultura, apresentando, além disso, como evidência o alho e a mandioca e devido também à extração de carnaúba, começa a se desenvolver surgindo ao mesmo tempo o interesse dos populares de realizarem a sua emancipação de Picos, especialmente dos irmãos Issac e Justino Batista. Santo Antônio devido sua forte agricultura se tornou um povoado desenvolvido economicamente, sendo mais desenvolvido que as cidades vizinhas como por exemplo Bocaina e Monsenhor Hipólito, como afirma a Alzenir Batista em depoimento “Santo Antônio mesmo antes de se tornar cidade já era desenvolvida, até mais que as cidades vizinhas e isso se deve à agricultura”. Um fator agrícola que promoveu seu desenvolvimento foi o caju, que agora se tornaria o grande produto de produção e comercialização de Santo Antônio.

Os grandes líderes dessa luta foram os irmãos Issac e Justino Batista que no período eram representantes do povoado na câmara de Picos, juntamente com eles estavam João Cirilo de Sousa, Arlindo Cipriano e Pedro Vicente entre outros habitantes estes como comerciantes, queriam o desenvolvimento do povoado.

Para Medeiros (2005):



Em fase do adiantado estágio de desenvolvimento em que se encontrava o povoado, surgiram nos líderes políticos o desejo de emancipação, cujo movimento foi deflagrado em 1963, pelo Sr. Issac Batista de Carvalho, filho da localidade, e então vereador da Câmara municipal de Picos, sendo líderes importantes Justino Batista, Arlindo Cipriano, Candinho, Elias Cândido de Moura e João Cirilo de Sousa.

No dia 19 de dezembro de 1963 por meio da Lei 2.560 o povoado de Santo Antônio foi elevado à categoria de cidade, com o nome de Santo Antônio de Lisboa, sendo seu território construído a partir da união com as terras do Rodeador, sítio Salvador e sítio Soledade. Apesar de Santo Antônio ter recebido a emancipação a partir da lei 2.560 de 1963, oficialmente o município foi instalado no dia 09 de abril de 1964, onde vários líderes políticos como o então senador Helvídio Nunes de Barros e a população das cidades vizinhas como Monsenhor Hipólito, Francisco Santos, Bocaina e Picos estiveram presentes,

Conforme afirma Olimpio Licínio não houve nenhum empecilho contra a emancipação, sendo visto por muitos como um “progresso para nossa terra”. Os habitantes do povoado já sonhavam com esse acontecimento, pois queriam muito o desenvolvimento e melhorias para suas vidas. Conforme afirma uma das testemunhas “A emancipação ninguém se opôs, para dizer que alguém foi contra a emancipação não tinha ninguém”.

Ao ser entrevistada, Alzenir Batista assim se referia a esse episódio:

A emancipação teve muito apoio, todo mundo queria que acontecesse, porque tudo que a gente queria era que esse lugar se desenvolvesse, se tornando uma melhor moradia [...] Então os políticos resolveram em desmembrar o povoado de Picos, o povo já queria de muito tempo, mas quando isso veio acontecer foi em 09 de Abril de 1964. Então os líderes Issac Batista, Pedro Vicente, João Cirilo de Sousa realizaram uma reunião para alcançar a emancipação.

A emancipação do povoado resultou em uma junção de interesses, em parte pela população que queria sua independência de Picos, por perceber o tão quanto o povoado crescia e em partes não podemos deixar de citar o grande interesse pessoal de seus idealizadores, pois apesar da população crer que o interesse por parte dos líderes era de apenas emancipar o povoado, por trás disso existia seus próprios interesses. Durante umas das conversas, um dos entrevistados afirmou que o interesse de Issac Batista em realizar a emancipação do povoado intensificou-se a partir de um desentendimento entre ele e o então vereador picoinense João de Deus Nunes. Issac Batista teve o nome apresentado por Helvídio

Nunes de Barros para concorrer à prefeitura de Picos nas eleições de 1962, porém João de Deus Nunes não aceitou afirmando que “Não vou deixar um forasteiro ser prefeito de Picos”.

O partido realizou uma convenção para decidir quem seria o candidato, João de Deus Nunes saiu vitorioso, mas ele disse a Isaac para entrarem em um consenso, onde João de Deus seria o candidato a prefeito e Issac a vice. Porém, esse não aceitou a proposta afirmando que: “João você me tirou o direito de ser prefeito, mas isso não vai me impedir de ser prefeito”. Quando Issac Batista se retirou da reunião as pessoas presentes não entenderam o que ele quis dizer com aquilo, então, ele, como presidente da Câmara criou a lei 2.560 de 09/12/1963, onde separa o povoado do Rodeador de Picos.

No dia 25 de dezembro de 1963, o líder político Issac Batista reuniu-se na residência do senhor José Avelino de Barros juntamente com o Deputado Helvídio Nunes de Barros para a convenção municipal ordinária da UDN (União Democrática Nacional) de Santo Antônio de Lisboa, objetivando a organização do diretório municipal da UDN. Assim, começam a alicerçarem-se as organizações política da recém-formada cidade.

Para tal acontecimento estiveram presentes alguns convencionais: Candido Joaquim da Silva, Antônio Benedito de Lima, Manoel Rodrigues da Silva, Justino Batista de Carvalho, Raimundo Joaquim de Sousa, João Cirilo de Sousa, Manoel Serafim da Silva, Pedro Manoel Nascimento [...] perfazendo um total de 48 presentes. Assim estava formada a UDN em Santo Antônio de Lisboa<sup>15</sup>.

Antônio Batista de Carvalho sugeriu que o diretório tivesse um presidente, um vice-presidente e mais 15 membros.

Pedi então a palavra o convencional Antônio Batista de Carvalho e propôs que o diretório tivesse um presidente, um secretário, um subsecretário e ainda 15 membros e igual número de suplentes, o que foi unanimemente aprovado.( Ata de Convenção)

No dia 09 de abril de 1964, ocorre a tão esperada festa de emancipação, todas as testemunhas relembram com muita emoção e saudade daquele dia e a descreve como um dia de muita chuva e alegria. Estiveram presentes muitas autoridades políticas como o então Deputado Helvídio Nunes de Barros, além do prefeito de Picos e o Deputado Federal Heitor Cavalcante, devido à falta de iluminação as pessoas circulavam nas ruas escuras, sendo clareadas apenas por luzes de candeeiros que se encontravam nas residências.

---

<sup>15</sup> Informações presente na ata de convenção da UDN de 1964.

No dia 10 de abril aconteceu uma missa para homenagear a origem da cidade e para a posse do prefeito, tendo ocorrido um casamento, pois como dificilmente ia um padre á localidades, os noivos aproveitaram a oportunidades: “Aconteceu às 8 horas uma missa em comemoração, logo depois um casamento, naquela época não era todo dia que ia padre, então aproveitaram logo tudo”.

Apesar de Isaac Batista ter sido o líder dessa luta pela emancipação, ele abriu mão da prefeitura para João Cirilo de Sousa<sup>16</sup>, tornando este prefeito no mesmo dia da festa de emancipação, ficando até 1965 nesse cargo. Issac Batista só se candidatou ao cargo de prefeito nas eleições de 10 de janeiro de 1965, tendo como adversário Pedro Vicente, Issac saiu vitorioso nessa campanha assumindo a prefeitura em Março deste mesmo ano.

Conforme relato da ata de convenção da UDN, “No dia 21 de fevereiro de 1964, às dez horas nesta cidade de Santo Antônio de Lisboa, na residência do senhor Issac Batista de Carvalho”, reuniram-se os membros da UDN em convenção para a escolha dos candidatos ao cargo de prefeito, vice-prefeito e vereadores para a eleição do pleito de 12 de julho de 1964. Estiveram presentes, o presidente Issac Batista, o primeiro vice-presidente Candido Joaquim da Silva, o segundo vice-presidente Manoel Rodrigues da Silva, o terceiro vice-presidente João Cirilo de Sousa, a secretária geral Neomisia Antônia de Sousa, o subsecretário Antônio Batista de Carvalho, além dos membros da UDN entre eles Raimundo Joaquim de Sousa, Frutuoso Freire de Lima, Deocleciano Cipriano de Sousa, Elias Rodrigues de Carvalho [...], o presidente Issac Batista sugeriu que ocorresse eleições para o cargo de prefeito e vice-prefeito mediante votação direta, secreta e majoritária e para o cargo de vereador mediante votação direta, secreta e proporcional.

Após a apuração foram eleitos os seguintes candidatos: Para prefeito Issac Batista, com dezenove votos, vice-presidente Manoel Serafim da Silva com também dezenove votos e para vereadores Candido Joaquim da Silva com treze votos, Raimundo Francisco da Silva, Antonio Acelino dos Santos, Raimundo Joaquim de Sousa, José Manoel Veloso e Francisco Antonio da Silva, todos com treze votos.

Posteriormente no dia 10 de janeiro de 1965, ocorre a eleição para o cargo de prefeito da recém-formada cidade de Santo Antônio de Lisboa. Candidataram Issac Batista e Manoel Serafim de Carvalho pela a UDN e Pedro Vicente juntamente com Elias Candido de Moura pelo PSD. Estes se tornaram os grandes adversários e líderes políticos dessa cidade, sempre se

---

<sup>16</sup> Issac Batista era representante da UDN (União Democrática Nacional) e João Cirilo era membro da ARENA, então para conseguir apoio Isaac Batista o convida para participar da UDN, como forma de estratégia de apoio, provavelmente este deve ter sido o motivo pela qual João Cirilo foi o indicado a prefeito.

enfrentando nas eleições seguintes seja direto ou indiretamente através de seus representantes. Issac que sempre saiu vitorioso, se tornando o maior líder político da cidade e o primeiro prefeito eleito, sendo responsável pelo o desenvolvimento e emancipação da cidade. Ele em seguida desistiu do cargo de prefeito, ficando apenas 1 ano e 6 meses no cargo, para se candidatar ao cargo de deputado, sendo eleito, isso facilitou os objetivos dele de promover o desenvolvimento de Santo Antônio de Lisboa. Esta adversidade política entre Issac Batista e Pedro Vicente perdura desde o período em que Santo Antônio era povoado, o que acontecia era que Issac Batista e Pedro Vicente sempre tiveram em lados opostos nas eleições de Picos e isso foi levado para Santo Antônio de Lisboa.

A partir da data de 09 de abril de 1964 estava formada a cidade de Santo Antônio de Lisboa.

## **2.6 Qual nome colocar?**

Inicia uma discussão sobre qual nome colocar na recém-formada cidade, pois algumas pessoas queriam que o nome da cidade fosse André Ramos do Piauí como uma forma de homenagear o doador das terras que deu origem à cidade. Outros indivíduos queriam que a denominação continuasse Rodeador, pois o povoado já era conhecido nas cidades vizinhas com esse nome e assim, foram surgindo várias opções de nome, como exemplo; Rodianópolis e Santo Antônio do Areal. Issac Batista apresentou dois nomes para que ocorresse um plebiscito. Os nomes eram Santo Antônio de Lisboa e Santo Antônio do Areal. Participaram dessa escolha 25 pessoas, entre indivíduos de Picos e de Santo Antônio, desses 24 votaram a favor de Lisboa.

Diante das variadas opções foi finalmente escolhido o nome do povoado Santo Antônio, acrescentando apenas o nome Lisboa<sup>17</sup>. Como uma forma de diferenciar de outras cidades que tinham esse nome e como também o fato de Lisboa ser o local de nascimento do santo, surge assim a cidade de Santo Antônio de Lisboa. As razões para manutenção do antigo nome se deu exatamente pela grande devoção que os habitantes cultivavam e cultivam por esse santo.

Então passada a sua fundação, teve início de fato a sua “construção”, através de projetos de desenvolvimento urbano.

---

<sup>17</sup> A legislação federal proibia a duplicidade de nomes em localidades brasileiras.

### 3 CIDADE E URBANIZAÇÃO

Antes de discutirmos a construção da cidade de Santo Antônio de Lisboa é necessário destacarmos um pouco a discussão sobre as cidades e o seu desenvolvimento urbano, urbanismo. A cidade foi construída como resultado do desenvolvimento econômico a partir do mercantilismo que substituiu a então sociedade feudal, assim as cidades começam a ganhar suas primeiras formas. Anteriormente eram as cidades cercadas por muralhas que as objetivavam protegê-las de ataques inimigos, passando a ser lugar de desenvolvimento da vida das pessoas. Com o passar dos anos as cidades foram alterando seus formatos, foram se desenvolvendo e trazendo para si a atenção das pessoas que viviam nos campos e conseqüentemente essa ação resultou no crescimento comercial. Posso comparar assim como Raquel Rolnik em seu livro “O que é cidade”, a cidade a um ímã, sendo um lugar que atrai e concentra pessoas. Porém ao contrário das cidades antigas que destacava a cidade apenas como lugar de comercialização, as cidades contemporâneas são resultado do crescimento e do fluxo de pessoas “a cidade contemporânea se caracteriza pela a velocidade de circulação. São fluxos de pessoas, mercadorias e capital em ritmo cada vez mais acelerado rompendo barreiras, subjugando territórios” (ROLNIK).

A cidade de Santo Antônio de Lisboa nasceu da necessidade de seus moradores de desenvolvimento, de melhores condições e oportunidades. A cidade é resultado da necessidade de organização, comunicação como afirma José Carlos Ferrari Junior em seu texto “Limites e potencialidades do planejamento urbano”, nesse escrito ele afirma que as cidades foram criadas objetivando promover entre um dos seus desígnios a relação entre os homens e o desenvolvimento econômico. A cidade seria um espaço de convivência e desenvolvimento, porém, a realidade não seguiu esse plano, pois as urbes se viram envolvidas por tensões e desigualdades. Ferrari ainda afirma que as cidades criadas entre os anos 60 e 80 são resultado de um planejamento urbano, criado pelo o governo, onde objetivava um plano perfeito de cidade, plano esse que segue o molde Keynesiano<sup>18</sup>.

O planejamento pode ser entendido com um processo de trabalho permanente, que tem por objetivo final a organização sistemática de meios a serem utilizados para atingir uma meta, que contribuirá para melhoria de uma determinada situação (FERRARI, 2004 P. 16)

---

<sup>18</sup> O molde Keynesiano tinha a crença no controle racional e centralizado dos destinos das políticas públicas urbanas, pelo o Estado.

Porém, essa ideia de plano urbanístico de cidade organizada, planejada e desenvolvida é resultado de uma sociedade modernista do século XX, que tem o desenvolvimento econômico e o Estado como seus principais aliados, o Estado controla tanto o planejamento como a economia, através de um intervencionismo exacerbado. As urbes construídas conforme esse plano não possuía nenhuma participação de seus cidadãos em seu planejamento, sendo resultante apenas da racionalidade e de técnicas, como afirma Ferrari:

Planejamento urbano modernista foram baseadas em critérios de racionalidade e de caráter exclusivamente técnico, não tendo nenhuma forma de participação da sociedade civil nas discussões de propostas para a cidade (FERRARI, 2004).

Por meio de planos eram objetivados a criação de cidades perfeitas, só que as cidades não seguiam o planejamento para ela estabelecida, pois está cresceu envolvida por tensões e problemas sociais. Ferrari utiliza-se da expressão “Planejamento teocrático-estatista” para referir ao modo de planejamento urbano realizado nos anos 1960 a 1980 no Brasil, esses planos eram controladores e essencialmente centralizadores.

Os planos urbanísticos das cidades brasileiras nos anos 1960, 70 e 80, eram marcados por grande controle do governo, onde a população não participava na formulação dos planos. Eram claros os interesses do governo no controle sobre a formação das cidades, pois estes objetivavam o crescimento das cidades conforme métodos que facilitassem o desenvolvimento econômico, o capitalismo. O governo por meio desses planos favorecia o capital, sendo esse o seu principal interesse diante dos planos por eles instituídos.

Conforme afirma Ferrari (2004):

A verdadeira função do planejamento, entendido que através do intervencionismo e o regulacionismo estatal tinha, segundo vários autores, principalmente os marxistas, o intuito de tentar manter a cidade, as necessidades do capitalismo. (FERRARI, pág. 17)

Esse planejamento, assim como Ferrari afirma desejavam somente o crescimento físico das cidades, não tendo nenhuma preocupação com questões sócias, como a formação de uma cidade que favorecesse o crescimento dos seus cidadãos. O desenvolvimento das urbes estava sujeitas às leis que davam ao governo- prefeitura- o direito de realizar melhorias na cidade. Essas leis permitiam não somente a organização da cidade, mas um controle na ordem desta. O exemplo da presença dessas leis estão contidas no código de postura de Santo

Antônio de Lisboa, este será discutido mais detalhadamente do tópico “Código de Postura de Santo Antônio de Lisboa” desse trabalho.

Nos anos 1990 esse plano controlador, passou a receber críticas e reflexões, por meio de novos planos com novas formulações. Esses planos urbanísticos mudaram devido à constituição de 1988, onde aquele plano modernista dos anos 1960 e 70 passará a ter nova denominação, Ferrari a descreve como Mercadológica. Essa ideia parte do ponto de que, aquele plano centralizador, controlador será substituído por um plano descentralizado estando o poder dividido em poder central e local e não apenas centralizado no domínio do plano pelo o governo central.

Em suma, os planejamentos urbanos realizados no Brasil durante os anos de 1960 a 1980 visavam apenas o desenvolvimento econômico e social, onde estes eram controlados pelo o Estado que objetivava essencialmente promover o crescimento do capitalismo. Urbanização *versus* Capitalismo sempre estiveram interligados, desde os primeiros sinais de urbanização por volta do século XIX e XX, este teria surgido na Europa a partir do desenvolvimento industrial. O desenvolvimento urbano surgiu como consequência do processo de industrialização, sendo que nos primeiros anos não existia uma população completamente urbana, pois nos séculos XIX e XX a população europeia era dividida entre urbana e rural ocorrendo uma predominância rural. Hoje percebe-se uma certa predominância urbana, principalmente em países do chamado primeiro mundo.

O desenvolvimento urbano nos países emergente ou dependentes foi marcado pela falta de planejamento, sendo desordenada e acelerada, essa falta de organização ocasionou o que chamamos de “inchaço populacional”. O exemplo pode-se citar o Brasil, onde sofreu um urbanismo a esses modos, devido a sua industrialização tardia e principalmente a falta de planejamento para tais, a urbanização só iniciou no Brasil a partir da década de 1950, com a implantação de indústrias. o que se percebe no Brasil nos seus primeiros anos de crescimento urbano é uma não utilização de planejamento, ocasionando em um desenvolvimento desordenado. Essa falta de urbanização ainda é refletida atualmente na organização dos espaços urbanos. Segundo Mukai o urbanismo é a ciência que procura promover o desenvolvimento da cidade, a partir da organização de suas ruas, edifícios, etc. de forma que toda a população possa se beneficiar.

Segundo Mukai (1988):

Urbanismo é definido como a ciência que se preocupa com a sistematização e desenvolvimento da cidade buscando determinar a melhor posição das

ruas, dos edifícios e obras públicas, de habitação privada, de modo que a população possa gozar de uma situação sã, cômoda e estimada.

O que ocorre nos planejamentos pós-constituição de 1988, é um maior direito da população a participação nos planejamentos por meio do Orçamento Participativo, onde a população passa a ter o conhecimento sobre o orçamento público, através da publicação da aplicação do dinheiro público. Essa consiste em uma nova forma de governo e principalmente planejamento descentralizado. O que diferencia os planejamentos pós-constituição de 1988 dos anteriores é o direito da população de ter conhecimento da aplicação do dinheiro e pela tentativa de descentralização da participação do Estado. Porém a questão é será que os planos realizados hoje não possuem influência do Estado?

O estudo da história das cidades é um estudo antigo, em que são feitas a descrição das cidades a partir da sua história de origem, baseando-se em uma reunião de dados sobre as cidades, fundamentando-se em uma personagem fundadora, em uma lenda ou até mesmo em um fato que teria dado origem a cidade.

Nesses trabalhos eram realizados uma espécie de comparação entre passado e presente da cidade, através de uma análise cronológica em torno do desenvolvimento urbano e descrição dos governantes dessa cidade, ou seja, como descreve Pesavento (2007,p 14) “Nada muito diferente, enfim, de uma história política de viés tradicional ou de um kit identitário aplicado à evolução de um núcleo urbano”.

Algumas das pesquisas realizadas sobre a história das cidades segue esse viés apresentado por Pesavento. Mas um ponto se opõe a ideia apresentada por ela, de que não existe um pensamento teórico em torno das discussões sobre cidades e seu desenvolvimento, afirmando que não é feita uma reflexão a cerca do desenvolvimento urbanístico. Nesse ponto discordo do pensamento de Pesavento o que se percebe hoje na pesquisa sobre cidades é uma grande valorização em torno do processo de urbanização que ocorrem nas cidades.

As pesquisas sobre cidade correspondiam a estudos econômico-sociais, essa “história urbana” (PESAVENTO 2007, pag. 2) não realizavam o estudo sobre a urbanização nas cidades brasileiras, nessas pesquisas a cidade era apenas colocada como o cenário de desenvolvimento econômico, ela era colocada como o espaço onde as coisas ocorriam, não possuindo o enfoque sobre seu crescimento. Os pesquisadores da “história das cidades”, nos anos 1960 a 80 descreviam a cidade apenas como local de desenvolvimento do capital e não aprofundando sua pesquisa sobre urbanização.



Como Pesavento descreve a cidade é materialidade, é ela resultado da ação do homem principalmente sobre a natureza. O homem imagina um modelo de cidade, então esse modelo se materializa a partir dessa materialidade percebemos o meio urbano. A cidade é espaço de convivências, de relações sociais, pois viver em uma cidade é nunca esta só, por isso ela é sociabilidades.

Como Pesavento destaca:

Mas a cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e comportamentos de oposição, ritos e festas, e hábitos. (PESAVENTO, pag. 14)

A cidade de Santo Antônio de Lisboa reafirma todas essas ideias até então apresentadas sobre planejamento urbanístico e cidade, pois esta foi estruturada por meio de um código que reafirma a posição do governo de controle sobre o espaço da cidade sobre a vida da população e sobre o espaço, sendo exemplificado pelo o seu código de postura.

### 3.1 Código de Postura de Santo Antônio de Lisboa

Desde sua origem cidade significa, ao mesmo tempo, uma maneira de organizar o território e uma relação política. Assim, ser habilidade de cidade significa participar de alguma forma da vida pública, mesmo que em muitos casos esta participação seja apenas a submissão a regras e regulamentos (ROLNIK)



**Figura 2:** Código de Postura, Fonte Arquivo da prefeitura de Santo Antônio de Lisboa.

Seguindo esse pensamento de Raquel Rolnik Santo Antônio de Lisboa não se distancia das demais cidades do Brasil. Assim com muitas cidades, Santo Antônio de Lisboa foi desenvolvida conforme um plano urbanístico, marcado por regras, onde este delimita e determina toda a organização da recém-formada cidade. Logo realizada a sua implantação ocorreu o processo de planejamento urbano da cidade, é necessário organizar o espaço. Neste tópico serão discutidos os principais artigos desse código.

Ao assumir a prefeitura de Santo Antônio de Lisboa, o então prefeito Isaac Batista de Carvalho reuniu-se juntamente com os vereadores para o planejamento do Código de Postura da cidade. Conforme o Código de Postura, criada pela lei nº 2 de 8 de fevereiro de 1965 tendo sido aprovado pela Câmara Municipal no dia 06 de fevereiro de 1965, esse plano objetivava a organização administrativa e espacial do município. Esse código foi produzido com já citado nos anos 1960, logo conseqüentemente segue a linha do que Ferrari determina de “Planejamento teocrático-estatista”, sendo claro as suas ideologias. O código foi produzido pelo então prefeito da cidade, este possui questões que demarcavam o poder e submissão da população aos desejos da prefeitura.

A cidade foi completamente instituída conforme esse código. Segundo este, Santo Antônio de Lisboa fica dividida em três zonas, urbana que correspondia à área construída da cidade, a suburbana e a rural, conforme afirma o Art. 2º do Código de Postura:

A zona urbana compreende toda a área edificada da cidade, objeto do levantamento topográfico do que trata a lei nº 2 de 8 de fevereiro de 1965, e a suburbana a restante área tem como limites ao nascente a rodovia Fortaleza-Brasília e ao poente com o Bairro Continho, ao lado direito do Rio Riachão, a casa de Manoel Sinhô, ao lado esquerdo com a casa de Francisco Manoel da Silva.

O código serviu como objeto de organização da cidade, já que este dita em detalhes como se deve ocorrer à construção da cidade, ditando as leis, desde sua formação até mesmo obrigações perante a prefeitura dos seus habitantes. Este determina a organização urbana da cidade, um dos artigos definiu o logradouro público, descrevendo-o como um “lugar que tenha sido entregue ao trânsito e ao uso público”, ou seja, o espaço público da cidade. O Código de Postura de Santo Antônio de Lisboa seguiu a linha dos planos urbanísticos modernistas que marcaram século XX, especificamente os anos 1960, onde é criada a ideia de perfeição de cidade, planejada e organizada, podendo ser exemplificada por esse código.

Esse código poderia ser definido como uma forma de planejamento, pois por meio dele é imaginada uma cidade perfeita, onde as vias públicas deveriam ser alinhadas e niveladas para promover o embelezamento, ventilação e higiene da cidade, devendo os terrenos serem divididos em quadras e em que seguidas em lotes. Mas para isso deveriam ter a permissão da prefeitura através de um anteprojeto. Os calçamentos deveriam ser organizados pela prefeitura conforme a necessidade de Trânsito e organização, onde as vias públicas deveriam ser mantidas intactas, sendo sujeito à multa quem desobedece tal ordem, conforme afirma o parágrafo 1 do Art. 7º.

É proibida qualquer alteração no leito da via pública, sem previa licença da prefeitura, sob pena de sujeitar-se a infracta multa de cinco a dez mil cruzeiros, e a repôla na forma primitiva.

Diante da recusa do infrator, a prefeitura realizaria a reposição e cobraria às despesas com acréscimo de cinquenta por cento a título de administração. O plano urbano objetivava antes de mais nada promover o domínio da conduta da população perante a organização da cidade, para assim alcançar seu objetivo de embelezamento, com isso estava à população sujeita a leis, tendo com consequência a cobrança de multas para quem infringisse tais normas. Essas leis de organização e controle são bastante presentes nos planejamentos urbanos, já que estes garantem ao governo, no caso a prefeitura, realizar o melhoramento da cidade, sendo sujeito à multa quem a descumprissem.

Como reafirma Ferrari Junior:

Além dos planos urbanos, como condutores da organização do espaço, existe uma ampla legislação urbanística, que oferece aos governos um imenso leque de possibilidades em promover o melhoramento das cidades como: a ampliação de recursos, regularização do mercado, regularização de áreas privadas ocupadas irregularmente, preservar o patrimônio cultural, arquitetônico, urbano e ambiental e promover o desenvolvimento sustentável (FERRARI, pag. 18).

O código de postura de Santo Antônio de Lisboa reafirma a ideia apresentada por Ferrari Junior do sonho de cidade perfeita, mas apesar do desenvolvimento desta cidade ter em partes seguidas as normas do código, o que acontece em muitos casos é o não cumprimento dos objetivos dos planos urbanísticos, sendo que as cidades se encontram cercadas de desorganizações, tensões e outros aspectos que impeçam seu desenvolvimento.

### 3.2 Estrutura pública da cidade

O planejamento tem como finalidade promover a ordenação do território, visando uma organização bem estruturada do espaço físico da cidade de Santo Antônio de Lisboa. Todo proprietário ao construir suas residências tinham que conservar a organização da cidade, tendo que custear o meio-fio e a construção de dois metros de passeio<sup>19</sup>, onde a forma e o tempo de construção eram determinados pela prefeitura, tendo que preservar a calçada para embelezamento e harmonia da cidade, caso não cumprido tal determinação estariam sujeitos à multa de cinco a dez mil cruzeiros.

A meu ver, apesar de ser “lei” percebe-se certo excesso por parte da prefeitura. Esta ao tentar manter a organização espacial da cidade cobrava multas a quem descumprisse tais ordens, porém o que a prefeitura procurava era também conseguir recursos financeiros, existindo não apenas uma grande tentativa de controle da organização do município através do domínio de conduta de seus moradores, como afirma o Art. 10º onde:

Se o passeio não for construída, reconstruída ou reformada no prazo consignado pela a prefeitura, ou for em desacordo as disposições do presente Cód. observar-se-á o disposto no § 2º Art. 7º<sup>20</sup>

As ruas teriam a nomenclatura apresentada pela prefeitura, onde seriam apresentadas por meio de placas colocadas em locais convenientes, sendo o morador obrigado na construção de sua residência fazer a sua numeração, tendo ele que pagar a confecção da placa, em caso de destruição ou alteração da placa teria este que pagar multa de dois a cinco mil cruzeiros, como também em caso de utilização incorreta da nomenclatura da rua, seja em correspondência, anúncios etc. deveria a pessoa que praticou tal ação pagar multa a prefeitura.

Este caso ocorre mais um exemplo de planejamento urbanístico modernista, onde por meio desse código é tentado estabelecer um controle organizacional por parte da prefeitura, é claro o intervencionismo do governo- no caso da prefeitura- na construção da cidade. Essa função cabe à prefeitura, porém, deveria ter auxílio dos cidadãos lisboenses para sua formulação.

Na tentativa de organizar as cidades, é estabelecida que as ruas, visando o embelezamento da cidade, deveriam ser arborizadas, cabendo apenas à prefeitura o corte das

---

<sup>19</sup> Calçadas.

<sup>20</sup> Acréscimo de cinquenta por cento a título de administração, multa.

árvores, estando sujeitos os moradores a multa se infringisse tal lei. As estradas que ligavam a área urbana á rural ou á cidade, ás demais localidades deveriam, também, seguir as normas do código onde as mesmas estavam sob responsabilidade da prefeitura, sendo que nos primeiros anos de formação de Santo Antônio de Lisboa as únicas estradas eram estradas de carrosais, essa era um dos únicos acessos à cidade. Sendo que no período anterior a sua emancipação, não existiam estradas demarcadas. As pessoas tinha que percorrer o caminho por meio das matas, exceto a estrada que ligava o povoado a área rural.

As estradas municipais serão conservadas pela a Prefeitura [...], Todos os proprietários ou possuidores de terras são obrigados anualmente nos meses de maio e junho, á roçagem dos caminhos nos lugares onde residem. Ao infrator, multa de dois a cinco mil cruzeiros (Art. 18º e 19º).

Um dos pontos que me chamou atenção diz respeito à fiscalização sanitária, está na fiscalização do comércio de carne no município demarcava até como deveria ser a composição da carne, onde conforme o Art. 29º. Esta quando vendida com osso, por quilo não poderia conter mais de trezentos gramas de osso, para setecentos gramas de carne maciça, cabendo multa a que descumprisse tal norma. Ao meu ver a fiscalização é cabido apenas zelar para a boa qualidade para consumo da carne e não em demarcar sua composição

Acho desnecessária- até mesma absurda- essa fiscalização por parte da prefeitura, essa ação de demarcar não é de responsabilidade da prefeitura é um controle exacerbado, mas deixo claro não critico a fiscalização, pois essa era e ainda é necessária, mas as normas que a regem, a impressão existente é que a prefeitura procurava de toda forma controlar a cidade e de alguma forma conseguir recursos, para isso aplicava multas para quem a descumprisse.

Confesso que não compreendo a real tentativa do então Código de Postura de controle da ordem da cidade, toda cidade necessita de tais normas, porém o que se percebe nos princípios que regem esse código é uma grande tentativa de criar um controle completo, pois dificilmente um população segue de fato as leis que regem em sua cidade, então não poderia o prefeito Issac Batista de Carvalho acreditar que tais normas de controle pudessem ser atendidas, como Ferrari Junior afirma a realidade dificilmente segue tais planos. Creio que são como já disse anteriormente abusivas tais normas. O que se percebe é que na construção da cidade, existe por parte dos seus idealizadores o objetivo da construção física para isso regem-se tais normas, mas não estão presentes em nenhum momento a tentativa de construção de cidadão, por meio de melhoramento social perfazendo-se um interesse próprio da prefeitura.

Um dos artigos em que sobressai diz respeito aos costumes, no Art. 31º este determina os costumes de seus habitantes, onde decide a proibição de gritar a noite na zona urbana, dar tiros, usar sinais sonoros, soltar fogos, bombas entres outros meios que ataquem o sossego e tranquilidade pública, tem ele boas intenções com tais normas, mas essas nunca foram seguidas e hoje o que se ver acontecer na cidade é o oposto de tudo isso, sinal do não respeito da população para com o código, sendo que muitos nem tem conhecimento de tais normas. Então nos primeiros anos após a desenvolvimento da cidade é muito difícil os moradores terem tido tal conhecimento e terem realizados tais normas.

Os comerciantes ambulantes deveriam ter permissão através de alvará da prefeitura para a realização de suas atividades. Atualmente os vendedores ambulantes que vendem seus produtos na feira, tem que pagar uma taxa a prefeitura para utilização da rua, muitas vezes as próximas leis se contradizem, pois se é aplicada a liberdade de todos a percorrerem as vias públicas, como pode a prefeitura cobrar um taxa a quem a ocupa. Conforme o Art. 34º - É vedada a concessão de matricula do vendedor ambulante a pessoas que sofreram de moléstias contagiosas ou repugnastes, absurda essa cláusula não?!

### **3.3 Licenças e processos para construção**

Conforme o código, as realizações de qualquer construção, reconstrução, etc. deveriam ter licença prévia da prefeitura, com afirma o art. 48º “Nenhuma obra de construção, reconstrução, acréscimo, modificação, demolição ou concerto poderá ser iniciada na zona urbano ou rural, sem previa autorização da prefeitura”. Deveria a pessoa indicar o lugar, com indicação da rua, do número da quadra, a natureza e destino do prédio e da obra.

O pedido passaria pelo prefeito, onde ele aprovaria ou recusaria o projeto, este poderia ser cancelado nas seguintes situações:

- a) quando dentro de quatro meses contado do dia que for expedido, não haja sido iniciadas as obras de construção ou reconstrução e dentro de dois meses, a partir da mesma data, não tiverem começado as obras de acréscimo, reformas e outras de menos importantes.
- b) quando a construção não se conclua no prazo de dois anos, a partir do dia de sua concessão.

Nesse código, percebe-se, como já citado anteriormente uma tentativa por parte dos seus idealizadores de construir uma cidade perfeita, conforme seu plano urbanístico. Quem conhece a cidade de Santo Antônio de Lisboa percebe-se o quanto ela é bem alinhada,

organizada, mas é sabido que esse plano dificilmente foi seguido em seu completo, apenas em partes como o alinhamento das ruas a exemplo. Os seus idealizadores criaram esse plano a meu ver apenas como uma forma de tentar manter a ordem, mas não se esforçaram em uma maneira de fazer com que elas acontecessem.

### 3.4 Surge a Urbe

Analisando a figura 3, percebe-se que o panorama da cidade seguiu as normas estruturais estabelecidas pelo seu Código de Postura, possuindo ruas alinhadas e uma bem estruturada divisão em lotes.



**Figura 3:** Imagem aérea da cidade de Santo Antônio de Lisboa. Fonte Google imagem

Antes de se tornar cidade, o povoado Santo Antônio possuía poucas casas, a maioria em torno da igreja, não tinha praça sendo que no local onde hoje é a praça existia apenas uma grande porção de areia branca, ao lado tinha o mercado onde era realizada a feira e próximo estavam às casas que eram muito poucas.

Segundo Batista:

A casa de André Ramos, que ficava ao lado da igreja [...] e era a grande referência para quem frequentava o vilarejo, em frente à igreja, com vista para o norte ficava as casas de Joaquim Jacó, Antônio Benedito. Em frente ao mercado, a casa de Arlindo Cipriano, no local da atual avenida ficava as casas de Bigode, Deoclésio, João Claro [...] (2009 Pag.49-50).

No dia em que ocorreu a emancipação do povoado, Santo Antônio possuía apenas 48 casas, resumindo-se apenas ao espaço próximo a Igreja, como afirma um dos entrevistados Olímpio Licínio.

Santo Antônio foi elevada a categoria de cidade com 48 casas, no dia 09 de abril de 1964 ela era só essa frente aqui, mas não era fechadinha assim não, nessas ruas as casas elas saiam até na casa de Raimundo Marco nesse lado ela acabava e nesse outro lado ela ia até o supermercado de Luisinho, mas não era cheio de casa assim não, existia um casa aqui e outra casa ali. Mas para baixo naquela rua de tio Justino não existia, para atrás na rua da casa de Sabido(rua João Batista) só tinha a casa de Luis Cirilo, aquela casa foi feita em 1963, ela era praticamente fora da cidade...

A população do povoado vivia a maioria no meio rural, onde nas primeiras chuvas plantavam feijão, milho, arroz e no verão plantavam nas vazantes no leito do rio Riachão, onde esse plantio servia para seu sustento. A população mudava para o meio urbano no tempo dos festejos e nos fins de semana para participarem das feiras, porém existia um pequeno grupo que viviam no povoado permanentemente. Segundo uma das entrevistadas:

As pessoas durante o tempo de inverno iam para as serras<sup>21</sup> e no verão ficavam na cidade. Quando aconteceu a emancipação as pessoas começaram a construir suas casas na cidade, devido às melhores condições. Por ter passado a cidade todo mundo construía suas casas na cidade

Com a passagem á cidade, a vida da população do povoado mudou, pois passaram a ocorrer grandes mudanças consequentemente nas vidas destes. Objetivo nesse tópico apresentar tais mudanças ocorridas ao longo dos primeiros anos de formação da cidade, uma descrição cronológica do desenvolvimento espacial da cidade.

Como já citado, ainda no período anterior ao povoado foi construída uma Igreja, onde essa originou o povoado, esta foi à primeira construção ocorrida no espaço que futuramente daria origem a cidade. Em seguida foi construído um mercado para a venda dos produtos que vinham de Picos, como querosenes, lamparinas, entre outros produtos. Existiam nesse mercado uns pequenos comércios que eram chamados de “bodegas” ou “quitanda”. O primeiro mercado foi construído na década de 1940, ele seguia o modelo muito presente nas cidades antigamente, era um modelo todo fechado, com dois portões e alguns pequenos comércios, como afirma Aldenora Sousa “Existiam pequenos comércios, conhecidos como bodegas ou quitandas como chamavam, comerciantes eram Pascoal Silva, Issac Batista, Zé

---

<sup>21</sup> Serra é maneira como população chama suas propriedades rurais.



Mundinho”. Estes eram os primeiros comerciantes do município, o primeiro comerciante foi Joaquim Francisco Rodrigues, além desses ainda teve Candido Joaquim da Silva.

O primeiro mercado foi construído na década de 40 e foi derrubado em 1977 para ser remodelado, ele era totalmente diferente, era aquele modelo de antigo que a gente ainda encontra em algumas cidades, onde é todo fechado e você não sabe o que tem dentro, agora tinha esses dois portões”.

No dia de domingo aconteciam as feiras que eram muito pequenas sendo vendidas apenas produtos que eram comprados na feira livre de Picos, a princípio a feira era bem modesta ocorrendo dentro do mercado público, sendo vendidas apenas carne, farinha e rapadura. Como a população era auto-sustentável, não existia um comércio desenvolvido, mas isso mudou a partir do momento em que os pequenos proprietários passaram a vender os produtos que eles produziam nas suas roças, como são chamadas as propriedades particulares nessa localidade.

Assim, teve início o desenvolvimento da urbe, sem dúvida umas das grandes mudanças ocorridas foi a nova estrutura urbana da cidade agora aquelas vidas regadas por dificuldades vão encontrar-se envolvidas por mudanças que facilitaram e lhe trarão melhorias para suas vidas.

Ocorrida à emancipação e tomado posse o então prefeito João Cirilo, inicia-se a necessidade de construções urbanas para assim transformar o espaço, durante os nove meses em que ocupou tal cargo, João Cirilo não fez nenhuma obra significativa na cidade. No primeiro ano de mandato ocorreu apenas a improvisação do prédio da prefeitura que era apenas um cômodo, como afirma o entrevistado Olimpio Licínio de Carvalho “A primeira construção pública foi à prefeitura essa foi improvisada por Isaac Batista, ela ficava onde hoje é o comércio de Arimatéia na Rua José Lopes da Silva, lá funcionou a primeira prefeitura”. Segundo testemunhas a falta de obras durante o seu mandato teriam sido por falta de recursos, já que o mesmo ficou apenas nove meses no poder. Apenas no governo de Issac Batista em 1965, deram início às construções públicas na cidade, as primeiras construções públicas foram à prefeitura, o açougue e o a Escola Maria de Carvalho.

No ano de 1965 é construída o Posto de Saúde e iniciada o processo de urbanização da cidade baseando-se no Código de Postura, no ano de 1967 inicia-se a construção da Praça Justino Batista, sendo concluído no ano de 1968. Esse nome foi dado em homenagem ao um dos seus principais fundadores. Uma das conquistas para essa cidade nos seus primeiros anos e que é muito citada pelos entrevistados, foi à implantação, em 1967, da energia elétrica por

meio de gerador. Antes nas casas e nas ruas não existiam luz elétrica, sendo iluminadas apenas por candeeiros que ficava nas casas e comércio, estes também iluminavam as ruas, naquele tempo as casas não tinham geladeiras, televisões, etc.

Durante as minhas pesquisas nos arquivos da prefeitura me deparei com uma ata de janeiro de 1969, onde nesta continha o controle que a prefeitura realizava sobre o consumo de energia. A prefeitura para sustentar o gerador e conseqüentemente para que os moradores pudessem usufruir da energia em suas residências era cobrada uma espécie de taxa que os moradores pagavam para ter o direito de usar energia em suas casas. Infelizmente, devido à deterioração em que se encontrava a ata, não pude ter uma leitura detalhada do documento, apesar pude ler por partes. A taxa também estava presente em um documento de 1970, a ata era intitulada “Receita da cota de luz” como pode ser observado nessa imagem abaixo, onde este apresenta alguns dos contribuintes dessa taxa.

Receita da Cota de Luz referente ao mês  
de Janeiro de 1969

Nº de Ordem	Nome do Contribuinte	Valas	valor	KVA	valor
1º	José Lopes da Silva	40	mes 905	5	0,25
2º	Benedita Manoel da Silva	20	" "	-	-
3º	Joaquim Francisco de Sousa e Silva	20	" "	6	"
4º	Manoel Senhô de Sá	-	-	4	"
5º	Justino Batista de Carvalho	-	-	3	"
6º	Antônio Joaquim de Carvalho	-	-	20	"
7º	Pedro Manoel do Nascimento	-	-	4	"
8º	Raimundo Joaquim de Souza	-	-	4	"
9º	José Cipriano de Lima	20	" "	-	-
10º	Fláudio Antônio de Carvalho	-	-	4	"
11º	Pedro Vicente da Silva	-	-	5	"
12	Luiza Batista de Carvalho	35	" "	-	-
13º	Luis João da Silva	65	" "	-	-
14	Joaquim Mariano Rodrigues	-	-	20	"
15	Antônio Marcos de Souza	60	" "	-	-
16	Pedro Antônio de Carvalho	20	" "	-	-
17	José Gabriel da Silva	50	" "	-	-
18	Luis Gonzaga Batista	20	" "	4	"
19	José Avelino de Barros	200	" "	-	-
20	Manoel Rodrigues de Carvalho	50	" "	-	-
21	José Cipriano Marolino	-	-	-	-
22	João de Sousa Sá	-	-	3	"
23	Luiza Luiza de Souza	75	" "	-	-
24	Amizio Jacó de Carvalho	60	" "	-	-

**Figura 4:** Cobrança de taxa pelo o consumo de energia em 1969

Esse gerador ficava em uma casa onde hoje é a Rua João Batista, quem cuidava era Joaquim Coriolano. Quando anoitecia por volta das 18h00min horas o gerador era ligado e funcionava até as 22h00min, quando era por volta das 21h00min ele dava o sinal que ia desliga, o sinal era dado com a diminuição da intensidade da luz ,como afirma um dos entrevistados “quando era 21h00min dava o sinal que iria desligar ai o povo ia para casa e apagavam as luzes e ficavam até de manhã sem nada” sendo que este foi conseguido durante o mandato do prefeito Raimundo Joaquim de Sousa por meio de Issac Batista que recebeu esse motor do Deputado Heitor Cavalcante, os dois tinham sido aliados na eleição para deputado em 1966, onde Issac se candidatou a deputado estadual e Heitor Cavalcante a deputado federal, onde esse teve apoio da cidade de Santo Antônio de Lisboa tendo sido eleito, como forma de gratidão forneceu esse motor para a cidade, a inauguração da energia a motor ocorreu no dia 30 de Abril de 1968, apesar de já esta sendo utilizada algum tempo. Ainda no governo do então prefeito Raimundo Joaquim de Sousa, ocorreram à construção do primeiro cemitério municipal da cidade no ano de 1967, inauguração do prédio novo da prefeitura, da delegacia, do novo mercado de carne, da Praça Justino Batista e da unidade Escolar Maria de Carvalho, acontecimentos estes ocorridos no ano de 1968.

Percebe-se que ao poucos, o espaço urbano da cidade foi sendo construído e, principalmente, transformado, onde aquele pequeno povoado de poucas casas está por se tornar uma cidade pequena, porém desenvolvida. O final dos anos 1960 foi de grande transformação para o Brasil, onde este passava por o período de implantação da ditadura militar<sup>22</sup>, porém a cidade de Santo Antônio de Lisboa não vivia o reflexo desse golpe e de forma suave se desenvolvia. O maior exemplo é que mesmo um país vivendo um golpe, na cidade de Santo Antônio de Lisboa, ocorria eleições para escolha de prefeito.

Aos poucos a cidade foi se desenvolvendo e sua população se beneficiando de tais ampliamentos, imagino o grande embate pela qual passou aquela população interiorana e simples crescida em meio à simplicidade do campo, que viam o seu pequeno e humilde povoado se transformando e eles tendo suas vidas transformadas por esse acontecimento. Por meio das entrevistas percebi a grande satisfação a qual sentiram a população pelo o povoado, de terem alcançado a tão almejada emancipação.

Grandes mudanças ocorreram nos primeiros anos de construção da cidade, como já citado anteriormente nesse texto, um grande benefício trazido a essa cidade, ocorreu no ano de 1970 no governo do quarto prefeito da cidade de Santo Antônio de Lisboa, nas eleições

---

<sup>22</sup> Golpe militar ocorrido no Brasil de 1964-1985, onde o país de encontrava marcado pelo um governo militar e cercado por censuras e perseguições aos seus adversários.

ocorridas em novembro de 1970, concorreram às eleições Luis Gonzaga Batista tendo como vice Manoel Serafim da Sousa, estes eram representantes da ARENA<sup>23</sup>, tinha eles como adversário João Cirilo de Sousa e Pedro Vicente da Silva, estes representantes do MDB, saindo vitorioso Luis Gonzaga Batista. Esses dois partidos formaram um bipartidarismo no Brasil de 1966 á 1979, onde a Arena era chamada de “A situação” e o MDB era conhecido como “A oposição”<sup>24</sup>.

Um detalhe deve ser observado neste aspecto, João Cirilo de Sousa que foi o primeiro prefeito de Santo Antônio de Lisboa e representante da extinta UDN junto com Issac Batista de Carvalho na luta pela a emancipação do povoando, na eleição de 1970 se encontrava na oposição, afirmando a ideia de que este teria se juntado a Issac Batista apenas como forma de fortalecimento por parte de Isaac Batista de Carvalho pela sua luta para a emancipação e para as eleições seguintes, mas existe quem discorde dessa ideia ao afirmar que João Cirilo foi escolhido para assumir a prefeitura porque era um homem de grande confiança de Issac Batista. Mas esse é um tema que nesse momento não vem a ser discutido nesse trabalho, quem sabe em um futuro trabalho, mas voltamos a nossa discussão.

Em 1970 foi eleito prefeito Luis Gonzaga Batista, sobrinho de Issac Batista de Carvalho e filho de Justino Batista, durante o governo deste foi realizada a substituição de energia a motor pela a energia fornecida pela a CEPISA, no ano de 1972.

Relata um dos entrevistados:

Em 1972 a energia a motor foi trocada pela a energia da barragem de boa esperança, que essa que a gente usa até hoje, em 1972 eu servia o BEC em Teresina e quando cheguei aqui tinha muitos postes e alguns sendo colocada, essa luz foi inaugurada em 1972.

Durante o seu governo também foi implantado a CNEC<sup>25</sup> chamada pela a população de ginásio, a implantação desse novo método de ensino mudou o ensino na cidade, antes existiam apenas escolas particulares onde os pais pagavam para ensinar seus filhos a ler, escrever e contar, apenas o básico sendo que poucos possuíam condições de sair da cidade para estudar em Picos, que era a referência naquele tempo.

---

<sup>23</sup> Aliança Renovadora Nacional, partido criado em foi um partido político criado em 1965 com a finalidade de dar sustentação política ao governo militar instituído a partir do Golpe Militar de 1964

<sup>24</sup> O Ato Institucional número dois de 1965, extingui os treze partidos existentes no Brasil e implantou o bipartidarismo sobressaindo Arena e o MDB.

<sup>25</sup> A Campanha Nacional das Escolas da Comunidade foi fundada em 1943, na cidade de Recife. Na época os professores eram universitários, assim se estendendo para vários estados do Brasil, adentrando o interior de cada um deles, em cidades e lugarejos onde , sua maioria, a presença do ensino público não se fazia presente.

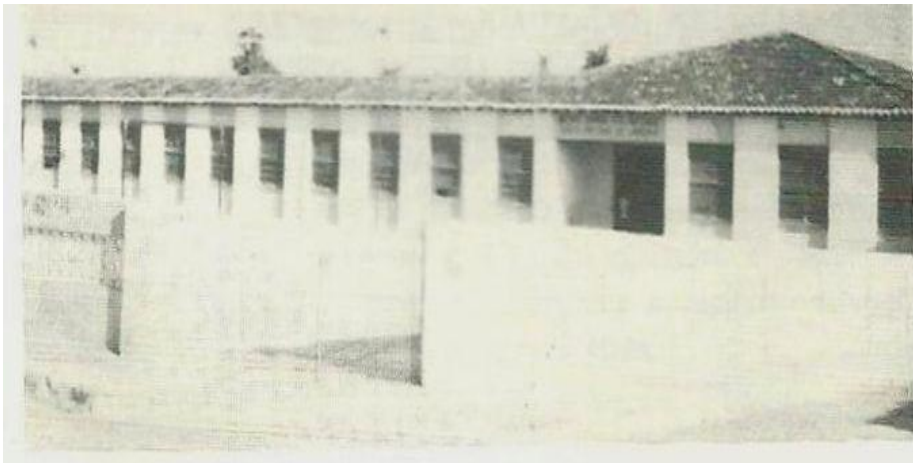
Segundo a entrevistada:

Durante a minha infância anos 50 e 60 existiam apenas professores particulares que era pago pela a prefeitura depois que se tornou cidade, uma delas era madrinha Mariquinha. Era assim, uma sala que era separada no meio e ali funcionava exemplo primeiro e segundo ano, com a mesma professora. Adulto e criança era tudo junto, não tinha prova, era ditado e caligrafia.

Nos anos 60 existia uma escola de nome Antônio Serafim, onde funcionava de 1º a 5º ano, este ensino era público era um grupo estadual, o que facilitou o acesso aos jovens e adultos daquela localidade a educação, onde anterior a essa período era muito grande a taxa de analfabetismo.

Durante a minha infância não tinha escola municipal e estadual era tudo junto. Quando terminava o quinto ano ai fazia um prova de admissão que se passasse ia fazer o ginásio, ai estudava os 4 anos lá se passassem ou vinha estudar em Picos ou ia para outro lugar ou parava de estudar, porque não tinha mais opção.

No ano de 1966 essa escola foi reformada e recebeu o nome de Maria de Carvalho, no seu primeiro ano a CNEC funcionava nesse prédio. Em 1973 foram construídas novas instalações para a CNEC, esta funcionava à noite e alcançava maioria da população, tendo funcionado até final dos anos 90.



**Figura 5:** Sede da CNEC, foto da década de 70.

Aos poucos a pacata cidade via seu espaço sendo alterado e suas vidas transformadas, melhorias e facilidades para os lisboenses ocorrendo, os entrevistados sempre relembram o

quanto era complicada as suas vidas anterior à implantação da cidade, sempre colocando que aquele feito mudou as vida da população.

Um dos fatores que beneficiou a população foi à implantação de água encanada, nos anos de povoado e nos primeiros anos de implantação da cidade, o aceso a água era feita por meio do rio Riachão, logo nos seus primeiros anos foram construídos cacimbões<sup>26</sup>, o mais utilizado era o de André Ramos, chamado de velho André, pois este mantinha um desses poços e permitia o acesso da população ao mesmo. As pessoas que possuíam maiores condições construíam poços em suas residências, as demais que não possuíam tal mordomia pegavam água nas cacimbas feitas próximo ao Riachão, ou na residência de que dispusesse a tal ajuda.

Como relata a Alzenir Batista:

O abastecimento de água vinha de poços, poços com 80 a 90 metros de profundidade, puxavam essas águas para tomar banho e beber e para cozinhas, iam buscar água de cacimbas feitas a cerca de um quilômetro do rio, que chamavam de cacimbas do velho André. Essa área era cercada e toda tarde juntava mais de 50 pessoas e com suas latas que iam buscar água.

Existia nos anos 1970 na praça um poço onde a população tinha acesso à água, explica um dos entrevistados que existiam nesses poços seis torneiras as pessoas pegavam água e levavam para casa para beber, tomar banho e cozinhar, entre outros afazeres. Apenas em 1977 no governo de Manoel Serafim da Silva ocorreu à instalação do abastecimento de água, relata um dos entrevistados que ocorreu uma grandiosa festa para implantação e estiveram presentes personalidades políticas como o então governador Dirceu Arcoverde, aos poucos a cidade vai ganhando novos aspectos.

O desenvolvimento urbanístico da cidade gradativamente acontecia. Aquela cidade e população completamente interiorana, viram seu “mundo”, sendo transformado o que os deixavam completamente felizes com tais acontecimentos, eram novas oportunidades, novos tempos. Por meio dos depoimentos dos entrevistados percebe-se a tamanha satisfação pela qual passaram eles durante esse período de mudanças, mas não somente eles toda a população concerteza sentiram tais realizações. O final dos anos 60 e durante todos os anos 70 foram de grande relevância para o desenvolvimento urbanístico do município, podemos destacar o imponente desejo dos então prefeitos de construíram a cidade e assim quem sabem entrar para a História dessa, como de fato fizeram.

---

<sup>26</sup> Extremidades feitas nas terras que podia alcançar 80 a 90 metros de profundidade, as mesmas eram feitas para ter maior acesso à água no subsolo.

Um marco que foi de grande ajuda para o desenvolvimento urbano de Santo Antônio de Lisboa foi a passagem pelo município do BEC (Batalhão de Engenharia e Construção), estes chegaram no início dos anos 1970, por volta de 1972 ainda durante o governo de Manoel Serafim da Silva, vieram eles do Estado do Rio Grande do Norte, Paraíba objetivando a construção da BR-20<sup>27</sup> e da ponte sobre o rio Riachão. Ficaram eles presentes na cidade pelo período de três anos, tendo realizados alguns benefícios, entre um deles foi à implantação de água encanada nas residências.

Durante a sua estadia foram responsáveis também pela construção da estrada que ligava o município a rodovia, eles se instalaram na cidade, nas residências de alguns moradores que alugavam cômodos para eles, como também se instalaram em acampamentos construídos por eles. Por virem de grandes centros acabam por trazer a modernidade para a recente formada cidade, além de realizarem inúmeras construções, mudaram o cotidiano da pacata cidade, eles realizavam festas, comemoravam carnaval entre outras novidades no município. Relata uma das testemunhas que foi o BEC os responsáveis pela a civilização do município.

Esses acampamentos construídos pelo o BEC transformaram-se em um bairro de mesmo nome, este teria sido o primeiro bairro da cidade, uma questão que me chama a atenção em Santo Antônio de Lisboa é que apesar de uma cidade de pequeno porte, o que se percebe é a presença de uma segregação urbana “É como se a cidade fosse demarcada por cercas, fronteiras imaginárias, que definem o lugar de cada coisa e de cada um dos moradores” (ROLNIK, pag. 41). Aos poucos bairros mais periféricos surgiram, como Xique-Xique, COHAB, Coruja, entre outros, como uma espécie de separação social e espacial dentro da cidade.

Raquel Rolnik descreve:

É como se a cidade fosse um imenso quebra-cabeça, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece seu lugar e se sente estrangeiro nos demais. É a este movimento de separação das classes sociais e funções no espaço urbano que os estudiosos da cidade chamam de segregação espacial (ROLNIK, pag.40).

Hoje essa segregação ainda persiste, porém de modo menos concentrada, mas ao contrário do que Rolnik descreve esta jamais causou conflito social explícito. Mas, quero deixar claro que nos primeiros anos de formação da cidade não existiam esses bairros, era tudo igual, até mesmo porque a cidade era muito pequena. Ao questionar sobre as possíveis

---

<sup>27</sup> BR que liga Brasília a Fortaleza, também chamada de Juscelino Kubistchek.

causas dessa divisão, a explicação partiu da ideia de que nos anos 1960 e início dos anos 70, grande parte da população vivia no meio rural, como já citado, porém com a evolução da cidade, surge o interesse em mudar-se da área rural para a urbana, as pessoas que possuíam mais condições financeiras construíam suas residências próximas à Igreja, no centro, as demais que não possuíam tal benefício procuravam terrenos mais baratos e estes se encontravam mais distantes do centro, esse fato dará início à separação espacial que perdurou na construção espacial da cidade.

No ano de 1976, Luis Gonzaga Batista é reeleito prefeito, este se candidatou pela ARENA tendo como adversário Pedro Vicente da Silva pelo MDB, durante o seu mandato, este dará continuidade a sua política de desenvolvimento do município, um de seus benefícios foi à demolição e posterior construção do Mercado público no ano de 1977, este recebeu o nome de Dirceu Arcoverde em homenagem ao então governador do Piauí na época, passou a ter nova estrutura, este manteve suas bodegas, sendo que desde a sua construção os comerciantes tinha que pagar a prefeitura uma espécie de taxa para a sua utilização, essa estrutura permaneceu até por volta de 2002, quando passou por nova reforma recebendo o nome de Issac Batista de Carvalho. Lembro-me durante a minha infância nos dias de feira ir ao mercado, relembro claramente como era a sua estrutura, tinha um formato quadrangular, no seu centro existia um extenso pátio onde as bodegas tinham acesso a essa área, era nesse espaço onde ocorria a feira no dia de Domingo.

Outro benefício ocorreu no ano de 1977, quando aconteceu a pavimentação das principais ruas da cidade, como a Avenida Sete de Setembro, a Rua Nove de Abril, a Mariano Silva e a Cirilo Lura, somente alguns anos depois o calçamento atingiu outras partes da cidade, inicialmente a pavimentação como já citado anteriormente ocorreu nas principais ruas, próximas ao centro da cidade, em torno do mercado público, praça, igreja e nas proximidades destas. Somente dos anos 80 deram-se continuação a tal construção.

Agora aquele pequeno povoado, passou a ter status de cidade, no seu sentido mais completo, pois tem o seu espaço aos poucos sendo transformado, construído. O que era antes apenas extensos espaço, estão agora demarcados por prédios, recintos públicos, ruas pavimentadas, etc. A população alcançou novo viveres, com novas oportunidades, como educação acesso de todos.

Ao longo de mais de 20 anos são destacadas as grandiosas alterações ocorridas na cidade de Santo Antônio de Lisboa, os anos 1980 é um grande indicador das transformações ocorridas pela cidade, ao analisar os dados do IBGE de 1985 por meio de uma monografia municipal, destaca-se a grande mudança pela qual este município passou.



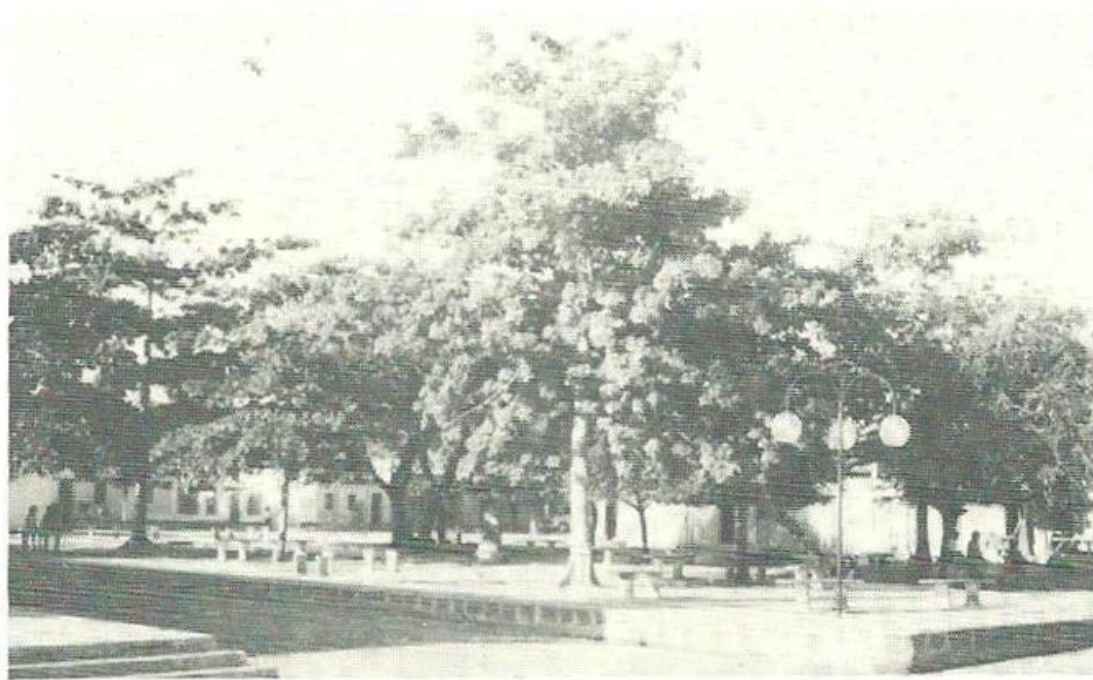
No ano de 1982 ocorreram eleições para a prefeitura, tendo concorrido à prefeitura Francisco Licínio de Carvalho<sup>28</sup> pelo o PDS e como adversário Francisco Luzimar Silva, Francisco Licínio foi eleito, sem o apoio de Issac Batista, pois esse quis lançar à candidatura Manoel Serafim à candidatura a prefeito. Francisco Licínio se dizia preparado para concorrer a eleições e não abriria mão de tal cargo, isso resultou uma diferença entre os dois, Chico Licínio foi eleito com uma maioria de 524 votos. Foram muitos os seus trabalhos pelo o município e pela sua população, deu ele continuação com a implantação de calçamento no município, tendo sido construído durante o seu mandato no ano de 1984 escolas municipais nos bairros e povoados, como Lagoa do Canto, Carvalho e Xique-Xique. Foram também construídas as COHAB I e II, a primeira possui 120 residências e a segunda 80, tendo também ocorrida a reforma na Praça Justino Batista, durante as minhas pesquisas não foi encontrado nenhuma imagem da praça nas suas primeiras formas, com exceção de uma imagem da praça nos anos 80, como pode ser observado na imagem abaixo.



Figura 6: Praça Justino Batista no final da década de 80  
FONTE: Arquivo da prefeitura de Santo Antônio de Lisboa.

---

<sup>28</sup> Francisco Licinio, conhecido como Chico Licínio é o maior nome na política em Santo Antonio de Lisboa depois de Issac Batista, sendo ele também sobrinho do mesmo, ele um chefe político de grande importância para o município.



*Praça Justino Batista*

**Figura 7:** Praça Justino Batista anos 70

Os números confirmam o crescimento pela qual passou o município em menos de 30 anos (1964-1985), segundo dados de IBGE, no ano de 1981 a cidade de Santo Antônio de Lisboa, constava dos seguintes números: uma população de 5.611 habitantes, com uma urbanização de 16 ruas, uma praça, 1.263 prédios, 336 ligados e rede de água, constando ainda 19 estabelecimentos de alojamento e alimentação, além de 1.186 domicílios destes 914 estavam ocupados, 259 vagos. Os números demonstram o quanto aos poucos a pacata cidade foi transformando o seu cenário urbano desde os anos de 1965 até a década de 80.



**Figura 8:** Imagem do centro da cidade de Santo Antônio, 2004.



## CONCLUSÃO

Por toda a pesquisa realizada percebeu-se que Santo Antônio de Lisboa é uma cidade que surgiu a partir da religiosidade do seu povo pelo o Santo Antônio, mas não somente pela religiosidade, a agricultura e o comércio também foram fatores importantes para o desenvolvimento dessas localidades, que se iniciou de uma pequena fazenda de nome Rodeador no século XVIII, se tornando oficialmente povoado no ano de 1940, através da construção de uma igreja, sendo que depois devido o desejo de seus habitantes tornou-se cidade. A história da cidade é marcada por grandes líderes políticos como o senhor Isaac Batista que foi um dos grandes idealizadores da luta pela a emancipação desse povoado e tornou-se depois um grande representante da cidade na política do Piauí. Como visto a história da cidade de Santo Antônio de Lisboa, não foge da história de formação das cidades do Piauí que surgiram no mesmo período, pois elas seguem o plano de urbanização estabelecido pelo o governo, a partir de seu Código de Postura. É importante destacar o desenvolvimento urbano pelo qual a cidade passou nos seus primeiros 30 anos de formação, com destaque para a implantação de energia, água e novas ruas, entre outras construções. Ao longo dessa pesquisa podemos ver a trajetória de construção da cidade de Santo Antônio, sendo muito bom hoje ver o quanto que essa cidade se desenvolveu sem perceber o seu crescimento e o desejo de mudança de seus líderes ao longo desses quase 50 anos de emancipação.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

### Livros

ARAÚJO, Maria Mafalda B. de. **O poder da seca no Piauí (1877/1779)**. Teresina: EDUFPI, 1991.

BATISTA, Nilvon. **História do Rodeador**. Rio de Janeiro: Usina de Letras, 2009.

CHOAY, Françoise. **Urbanismo. Utopias e Realidades**. Uma antologia , Perspectiva, 1997

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e Abusos da História Oral**. 8ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 6ª edição. Campinas (SP). UNICAMP.

MEDEIROS, Adailson e BATISTA; Elodir. **Isaac Batista-trajetória de um vencedor-2005**.

MORAIS, Eliane Rodrigues. **De Papagaio a Francinópolis**, EDUFPI, 2008.

NETO, Mariano da Silva. **Francisco Santos- Estudo e Memória**, 1986.

NUNES, Odilon. **Pesquisa para a História do Piauí**. Rio de Janeiro, Artenova, 1966, 5 v.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos; 203)

RODRIGUES, Joselina Lima Pereira. **Estudos Regionais do Piauí (Halley, Teresina, 2001)**.

### Artigo de Periódico Científico

BRESCIANI, Maria Stella. **Cidade e urbanismo**. Uma possível análise historiográfica. Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 9, n. 1, p. 21-50, 2009.

GOMES, Ângela de Castro. **O populismo e as ciências sociais no Brasil: Normas sobre a trajetória de um conceito**. Periódico Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 31-58.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias**. Revista Brasileira de História, vol. 27, nº 53, Junho de 2007.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade Social: estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n° 10, 1992. P. 200-212.

JUNIOR, José Carlos Ferrari. **Limites e potencialidades do planejamento urbano: uma discussão sobre os pilares e aspectos recentes da organização espacial das cidades brasileiras**. Revista. Estudos Geográficos, Rio Claro. p 15-28, junho 2004.

#### **Matéria Publicada em Revista**

PINTO, Georges José. **Município, Descentralização e Democratização do Governo**. Caminhos de Geografia, p.1-21, Jun 2002.

# ANEXOS

## ANEXO 1 – TRECHO DA ENTREVISTA COM OLÍMPIO LICÍNIO

1- Como era o espaço urbano de Santo Antônio nos seus primeiros anos?

“Ela foi elevada a categoria de cidade com 48 casas, no dia 09 de abril de 1964 ela era só essa frente aqui, mas não era fechadinho assim não, essa rua ela saia aqui na casa de Raimundo Marco, nesse lado ela acabava e nessa outro lado ela ia até o supermercado de Luisinho,mas não era cheio de casa assim não, existia um casa aqui e outra casa ali.Mas para baixo naquela rua de tio Justino não existia,para atrás a casa de Sabido só tinha a casa de Luis Cirilo,aquela casa foi feita em 1963, ela era praticamente fora da cidade.Naquela rua nove de abril pelo o lado direito tinha só uma casa e pelo o lado esquerdo as casas iam até a casa de João Peba, tinha pouca casa, só tinha areia.”

2- Como surgiu o povoado?

“Em 1938 surgiu à ideia de criar uma capela, essa ideia se propagou, primeiro deram a ideia ao meu avô João Antônio, ele não quis. Depois ofereceram a André Ramos que doou uma área de terra para a construção e daí surgiu a história do povoado Rodeador.

3- Como surgiu a cidade? E por quais interesses?

“Ideia de emancipação do Rodeador surgiu a partir do momento em que Isaac Batista teve a sua candidatura a prefeito de Picos impedida por um vereador do seu próprio partido. Helvidio Nunes de Barros era o maior representante político de Picos, ele apresentou o nome de Issac para candidato a prefeito em Picos, Isaac era um homem muito rico e conhecido em Picos, mas João de Deus não aceitou, pois não se conformou em ter um forasteiro como prefeito. Issac disse a João de Deus” João você me tirou o direito de ser prefeito, mas isso não vai me impedir de ser prefeito” quanto Isaac saiu às pessoas ficaram sem entender o que ele diz disser com aquilo, ele não sabia o que iam acontecer, ele como presidente da câmara criou a lei 2.560, onde nesse projeto ele emancipa o povoado Rodeador de Picos”.

4- Quais as primeiras construções públicas?

“ A primeira construção pública foi a prefeitura, o açougue público, a Escola Maria de Carvalho no governo de Issac Batista, porque Raimundo Rodrigues ganhou a eleição em



novembro,mas só assumiu em janeiro de 67. A praça começou em 67 e a inauguração foi 68. Nós tivemos em 1967 através de um motor conseguido pelo o deputado Heitor de Albuquerque Cavalcante que deu a Issac batista, pois esse tinha entrado na chapa junto com Issac, onde ele era candidato Federal e Issac Estadual, nós aqui apoiamos ele.O povoado passou a cidade em 1964 e em 10 de janeiro de 1965 Issac se elegeu prefeito, mas somente em 1967 recebemos o motor para energia, Joaquim Coriolano( conhecido como Joaquim Curelo) era o responsável pelo o gerador, assim Santo Antônio foi iluminado. No dia 30 de abril de 1968 foi a inauguração da luz,já tinha a muito tempo mas foi inaugurada nessa data,essa luz ela durou até 1972 quando foi trocada pela a energia da barragem de Boa esperança, que essa que a gente usa até hoje, em 1972 eu servia o BEC em Teresina que quando cheguei aqui tinha muito posto e alguns sendo colocados, essa luz foi inaugurada em 1972. A água foi inaugurada em 1977 o governador era Dirceu Arcoverde, foi a água inaugurada pelo o governador e o mercado também foi esse tempo é tanto que levou”

Trecho da entrevista com Aldenora Sousa

1- A emancipação do povoado Santo Antonio ocorreu no dia 09 de Abril de 1964, antes de sua emancipação, de onde vinha o abastecimento de água, alimentação e luz da cidade?Como era o povoado?

“Abastecia com a água do Riachão, inclusive a cacimba de André Ramos, os de melhores condições cavavam poços, cacimbões, nos quintais de suas casas. Alimentação, os agricultores traziam ao mercado para ser vendidos, a iluminação se dava por candeeiros.

2- E Como era a estrutura urbana da cidade nos seus primeiros anos, existia calçamento, praças?

Na minha infância era poucas casas, o ponto de referencia era a casa de André Ramos, em frente as crianças brincavam em hora do recreio. Não havia calçamento, existia uma pequena igreja e um grande espaço de areia branca entre a igreja e o mercado, no meio um pé de algarosa, onde moças e rapazes namoravam, como também rodeavam o mercado, todos felizes”

3- A festa de comemoração da emancipação ocorreu no dia 09 de Abril, pode contar como foi aquele dia, o que aconteceu naquele dia?

“Foi muitas alegrias, nesta noite, vieram autoridades de toda região, prestigiar o evento e todos os habitantes sentiam-se honrados pela a decisão( noite de muita chuva). A emancipação foi muito bem aprovada, todos aplaudiram, pois era um progresso para nossa terra. Não ouve impedimentos”

4- Quem foram os lideres desse movimento de emancipação? Quais eram em seu ponto de vista os interesses deles pela a emancipação?.

“O líder que mais trabalhou em prol do acontecimento foi Issac Batista de Carvalho, ao lado de sei irmão Justino Batista, Arlindo Cipriano, João Cirilo de Sousa e Outros. Tornar-se independente de Picos, um novo município democrático e progressista.”